



ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA

GRÃOS | SAFRA 2020/21
7º LEVANTAMENTO

ABRIL 2021

**VOLUME 8
NÚMERO**

7

Presidente da República

Jair Messias Bolsonaro

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa)

Tereza Cristina Corrêa da Costa Dias

Diretor-Presidente Substituto da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

José Ferreira da Costa Neto

Diretor-Executivo de Operações e Abastecimento (Dirab)

José Jesus Trabulo de Sousa Júnior

Diretor-Executivo de Gestão de Pessoas (Digep)

Bruno Scalon Cordeiro

Diretor-Executivo Administrativa, Financeira e Fiscalização (Diafi)

José Ferreira da Costa Neto

Diretor-Executivo de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Sérgio De Zen

Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)

Candice Mello Romero Santos

Gerência de Acompanhamento de Safras (Geasa)

Maurício Ferreira Lopes

Gerência de Geotecnologias (Geote)

Patrícia Maurício Campos

Equipe técnica da Geasa

Carlos Eduardo Gomes Oliveira

Eledon Pereira de Oliveira

Francisco Olavo Batista de Sousa

Jeferson Alves de Aguiar

Juarez Batista de Oliveira

Juliana Pacheco de Almeida

Martha Helena Gama de Macêdo

Equipe técnica da Geote

Eunice Costa Gontijo

Fernando Arthur Santos Lima

Joaquim Gasparino Neto

Lucas Barbosa Fernandes

Rafaela dos Santos Souza

Tarsis Rodrigo de Oliveira Piffer

Superintendências regionais

Acre, Alagoas, Amapá, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe e Tocantins.

Colaboradores

Bruno Pereira Nogueira (Gefab - algodão); Fernando Gomes da Motta (Gerpa - milho); Flávia Machado Starling Soares (Gerpa - trigo); João Figueiredo Ruas (Gefab - feijão); Leonardo Amazonas (Gerpa-soja); Danielle Barros Ferreira (Inmet); Sérgio Roberto G. S. Júnior (Geiap - arroz).

Colaboradores das superintendências

André Marques (AC); Adeildo Gomes de Santana Júnior e Bruno Barros Iales da Silva (AL); Glenda Queiroz e Thiago Augusto Maia (AM); Ednabel Lima, Joctã do Couto, Marcelo Ribeiro e Orfrezino Ramos (BA); Fábio Barbosa Ferraz, Elibernon Alves da Silva, José Iranildo da Silva Araújo, Luciano Gomes da Silva, Lincoln Sarli Cesar Guedes Lima, Lindeberg da Silva Magalhães, Flavio Henrique Linhares Magalhães, Francisco Antônio de Oliveira Lobato e Adriano José Rodrigues de Oliveira (CE); José Negreiros e Neodir Luiz Talini (DF); Espedito Leite Ferreira, Gerson Menezes de Magalhães, Lucas Cortes Rocha, Michel Fernandes Lima, Rogério César Barbosa, Ronaldo Elias Campos e Zirvaldo Zenid Virgolino (GO); Fernanda Karollyne Saboia do Nascimento, Margareth de Cássia Oliveira Aquino, Raimundo Nonato Araújo de Melo e Rogério Prazeres da Silva (MA); José Henrique Rocha Viana de Oliveira, Warlen César Henriques Maldonado, Alessandro Lúcio Marques, Márcio Carlos Magno, Hélio Maurício Gonçalves de Rezende, Matheus Carneiro de Souza, Samuel Valente Ferreira, Patrícia De Oliveira Sales e Pedro Pinheiro Soares (MG); Adirson Moreno Peixoto, Edson Yui, Getúlio Moreno, Mário Adriano Silva Moreira e Marcelo de Oliveira Calisto (MS); Benancil Filho, Daniel Moreira, Gabriel Heise, Ismael Júnior, Patrícia Leite, Raul Azevedo, Rodrigo Slomoszynski e Rogério Souza (MT) Alexandre Augusto Pantoja Cidon e Raimundo Nonato da Cruz Filho (PA); Samuel Ozéias Alves, João Tadeu de Lima (PB); Babiton leone de Oliveira Herculano, Clarissa de Albuquerque Gomes, Herivelton Marculino da Silva e Francisco Dantas de Almeida Filho (PE); Charles Erig, Daniela Freitas, Jefferson Raspante, Leônidas Kaminski, Rafael Fogaça e Tito Stelmachuk (PR); Edgard Sousa Sobrinho, Hécio de Melo Freitas, Francisco Honorato de Sousa, Antônio Cleiton Vieira da Silva, Thiago Pires de Lima Miranda e Valmir Barbosa de Sousa (PI); Rafael Vagner Oliveira Machado (RN); Erik Colares de Oliveira, João Adolfo Kasper, Niécio Campanati Ribeiro, Thales Augusto Duarte Daniel (RO); Alcideman Pereira, Janderson Maues do Nascimento e Karina de Melo (RR); Carlos Bestetti, Alexandre Pinto, Luciana Dall’Agnese, Marcio Renan Weber Schorr e Iure Rabassa Martins (RS); Marcelo Siste Campos, Ricardo Agustini Paschoal e Ricardo Cunha de Oliveira (SC); José Bonfim de Oliveira Santos Júnior, José de Almeida Lima Neto, Bruno Valentim Gomes e Flaviano Gomes dos Santos (SE); Cláudio Ávila, Elias Tadeu de Oliveira, Marisete Belloli e Ivan Donizetti (SP); Felipe Thomaz de Souza Carvalho e Jorge Antonio de Freitas Carvalho (TO).

Informantes

Secretaria de Estado da Agricultura e Abastecimento (Seapa/RR); Empresa de Extensão Rural de Rondonia (Emater/RO); Agência de Defesa Sanitária Agrosilvopastoril do Estado de Rondonia (Idaron); Secretaria de Estado de Extensão Agroflorestal e Produção Familiar (Seaprof/AC); Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas (Idam); Agência de Fomento do Estado do Amazonas (Afeam); Empresa de Assistência Técnica e Extensão do Pará (Emater/PA); Instituto de Desenvolvimento Rural do Estado do Tocantins (Ruraltins); Agência de Defesa Agropecuária do Estado do Tocantins (Adapec); Agência Estadual de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural (Agerp/MA); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Ceará (Emater-ce); Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Norte (Emater/RN); Secretária de Agricultura, da Pecuária e da Pesca do Rio Grande do Norte (Sape); Empresa de Pesquisa Agropecuária do RN (Emparn); Empresa Paraibana de Pesquisa, extensão Rural e Regularização Fundiária (Empaer/PB) e Extensão Rural da Paraíba (Emater/PB); Instituto Agronomico de Pernambuco (IPA); Instituto de Inovação para o Desenvolvimento rural Sustentável de Alagoas (Emater/AL); Empresa de Desenvolvimento Agropecuário de Sergipe (Emdagro); Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR/BA); Secretaria da Agricultura, Pecuária, irrigação, Pesca e Aquicultura (Seagri); Federação da Agricultura e Pecuária do Estado da Bahia (Efaeb); Bonco do Nordeste do Brasil (BNB); Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (SAR/BA); Agência de Defesa Agropecuária da Bahia (Adab); Instituto de Defesa Agropecuária do Estado de Mato Grosso (Indea); Empresa Mato-Grossense de Pesquisa, Assistência e Extensão Rural (Empaer); Secretária Municipal de Desenvolvimento Econômico; Agência de Desenvolvimento Agrário e Extensão Rural do Mato Grosso do Sul (Agraer/MS); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Goiás (Emater/GO); Agência Goiana de Defesa Agropecuária (Agrodefesa); Secretaria Estadual de Agricultura de Goiás (Seagro); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Distrito Federal (Emater/DF); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Minas Gerais (Emater/MG) , Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do rio de Janeiro (Emater/RJ) ; Coordenadoria de Desenvolvimento Rural e Sustentável (Cati-SP); Departamento de Economia Rural (Deral/PR); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Sul (Emater/RS) e Instituto Rio-Grandense do arroz (Irga).

OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA



ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA

GRÃOS | SAFRA 2020/21
7º LEVANTAMENTO

Copyright © 2021 – Companhia Nacional de Abastecimento – Conab
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Disponível também em: <http://www.conab.gov.br>
Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro
Publicação integrante do Observatório Agrícola
ISSN: 2318-6852

Editoração

Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac)
Gerência de Eventos e Promoção Institucional (Gepin)

Diagramação

Guilherme dos Reis Rodrigues, Juliana Pacheco de Almeida, Luiza Aires, Marília Yamashita e Martha Helena Gama de Macêdo

Fotos

Acervo Conab/Capa: Pixabay

Normalização

Thelma Das Graças Fernandes Sousa – CRB-1/1843

Como citar a obra:

CONAB - COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos, Brasília, DF, v. 8, safra 2020/21, n. 7, sétimo levantamento, abr. 2021.

Dados Internacionais de Catalogação (CIP)

C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.

Acompanhamento da safra brasileira de grãos – v.1, n.1 (2013-) – Brasília : Conab, 2013-

v.

Mensal

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Recebeu numeração a partir de out/2013. Continuação de: Mês Agrícola (1977 -1991); Previsão e acompanhamento de safras (1992-1998); Previsão da safra agrícola (1998-2000); Previsão e acompanhamento da safra (2001); Acompanhamento da safra (2002-2007); Acompanhamento da safra brasileira: grãos (2007-)

ISSN 2318-6852

1. Grão. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título.

CDU: 633.61 (81) (05)

Ficha catalográfica elaborada por Thelma Das Graças Fernandes Sousa CBR-1/1843

SUMÁRIO

CLIQUE NOS ÍCONES À DIREITA E ACESSE OS CONTEÚDOS

9	RESUMO EXECUTIVO
16	INTRODUÇÃO
18	ANÁLISE CLIMÁTICA
	ANÁLISE DAS CULTURAS
25	ALGODÃO
34	ARROZ
48	FEIJÃO
67	MILHO
86	SOJA
102	TRIGO
105	OUTRAS CULTURAS DE VERÃO



RESUMO EXECUTIVO

Com a consolidação do plantio das culturas de segunda safra e iniciando a semeadura das culturas de inverno, as previsões iniciais de mais uma safra recorde vêm se confirmando, com um volume estimado em 273,8 milhões de toneladas, crescimento de 6,5% ou 16,8 milhões de toneladas sobre a safra anterior (2019/20). Tal crescimento é sustentado pelo aumento de 3,9% na área cultivada, totalizando 68,5 milhões de hectares e, sobretudo, pela boa performance da soja e do milho.

Comparativamente à estimativa do mês anterior, observa-se um ganho de 1,5 milhão de toneladas, sustentado, especialmente, pelo crescimento de 1,1% na área de plantio do milho segunda safra e pelo ganho de produtividade na soja.

A área de plantio apresenta crescimento de 3,9% sobre a área utilizada na safra anterior, estimada em 68,5 milhões de hectares. Após a colheita, principalmente da soja e do milho primeira safra, em cerca de 30% da área colhida, são cultivadas as lavouras de segunda e terceira safras e as de inverno, que totalizam cerca de 20 milhões de hectares, portanto, para a obtenção de 273,8 milhões de toneladas no país, são cultivados 48,5 milhões de hectares.

CLIQUE NOS ÍCONES ABAIXO E ACESSE OS CONTEÚDOS

CLIQUE NOS ÍCONES À ESQUERDA E ACESSE OS CONTEÚDOS

CLIQUE NOS ÍCONES ABAIXO E ACESSE OS CONTEÚDOS

TABELA 1 - ESTIMATIVA DE ÁREA PLANTADA EM 1.000 HA

Culturas de verão	Estimativa de área plantada			Safras 2019/20 e 2020/21			
	Safras			Variação			
	19/20	20/21		Percentual		Absoluta	
	(a)	Mar/2021 (b)	Abr/2021 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
Algodão	1.665,6	1.424,7	1.413,1	(0,8)	(15,2)	(11,6)	(252,5)
Amendoim total	160,5	164,9	165,5	0,4	3,1	0,6	5,0
Amendoim 1ª safra	153,3	159,2	159,8	0,4	4,2	0,6	6,5
Amendoim 2ª safra	7,2	5,7	5,7	-	(20,8)	-	(1,5)
Arroz	1.665,8	1.705,7	1.688,3	(1,0)	1,4	(17,4)	22,5
Arroz sequeiro	366,9	377,4	382,2	1,3	4,2	4,8	15,3
Arroz irrigado	1.298,9	1.328,3	1.306,1	(1,7)	0,6	(22,2)	7,2
Feijão total	2.926,7	2.955,5	2.972,8	0,6	1,6	17,3	46,1
Feijão total cores	1.280,3	1.261,4	1.267,1	0,5	(1,0)	5,7	(13,2)
Feijão total preto	338,6	362,3	367,6	1,5	8,6	5,3	29,0
Feijão total caupi	1.307,8	1.331,8	1.338,1	0,5	2,3	6,3	30,3
Feijão 1ª safra	914,5	921,5	918,8	(0,3)	0,5	(2,7)	4,3
Cores	365,9	369,3	367,1	(0,6)	0,3	(2,2)	1,2
Preto	162,4	162,6	162,4	(0,1)	-	(0,2)	-
Caupi	386,2	389,6	389,3	(0,1)	0,8	(0,3)	3,1
Feijão 2ª safra	1.424,0	1.445,2	1.457,4	0,8	2,3	12,2	33,4
Cores	407,1	384,2	384,4	0,1	(5,6)	0,2	(22,7)
Preto	159,6	183,1	188,6	3,0	18,2	5,5	29,0
Caupi	857,3	877,9	884,4	0,7	3,2	6,5	27,1
Feijão 3ª safra	588,8	588,8	596,6	1,3	1,3	7,8	7,8
Cores	507,9	507,9	515,6	1,5	1,5	7,7	7,7
Preto	16,6	16,6	16,6	-	-	-	-
Caupi	64,3	64,3	64,4	0,2	0,2	0,1	0,1
Gergelim	175,0	175,0	155,0	(11,4)	(11,4)	(20,0)	(20,0)
Girassol	47,1	30,9	30,9	-	(34,4)	-	(16,2)
Mamona	45,5	47,7	47,4	(0,6)	4,2	(0,3)	1,9
Milho total	18.527,3	19.495,2	19.717,5	1,1	6,4	222,3	1.190,2
Milho 1ª safra	4.235,8	4.281,2	4.343,5	1,5	2,5	62,3	107,7
Milho 2ª safra	13.755,9	14.678,4	14.837,7	1,1	7,9	159,3	1.081,8
Milho 3ª safra	535,6	535,6	536,3	0,1	0,1	0,7	0,7
Soja	36.949,7	38.461,5	38.473,0	-	4,1	11,5	1.523,3
Sorgo	835,4	840,5	875,4	4,2	4,8	34,9	40,0
Subtotal	62.999,2	65.301,6	65.538,9	0,4	4,0	237,3	2.539,7
Culturas de inverno	Safras			Variação			
	2020	2021		Percentual		Absoluta	
	(a)	Mar/2021 (b)	Abr/2021 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
Aveia	425,7	425,7	425,7	-	-	-	-
Canola	35,3	35,3	35,3	-	-	-	-
Centeio	4,7	4,7	4,7	-	-	-	-
Cevada	103,4	103,4	103,4	-	-	-	-
Trigo	2.341,5	2.390,4	2.379,4	(0,5)	1,6	(11,0)	37,9
Triticale	15,6	15,6	15,6	-	-	-	-
Subtotal	2.926,2	2.975,1	2.964,1	(0,4)	1,3	(11,0)	37,9
Brasil	65.925,4	68.276,7	68.503,0	0,3	3,9	226,3	2.577,6

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2021.

TABELA 2 - ESTIMATIVA DA PRODUTIVIDADE DE GRÃOS - EM KG/HA

Brasil	Estimativa da produtividade de grãos			Safras 2019/20 e 2020/21			
	Safras			Variação			
	19/20	20/21		Percentual		Absoluta	
		(a)	Mar/2021 (b)	Abr/2021 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)
Algodão - caroço (1)	2.625	2.565	2.570	0,2	(2,1)	4,6	(55,0)
Algodão em pluma	1.802	1.761	1.764	0,2	(2,1)	3,0	(37,5)
Amendoim total	3.474	3.487	3.600	3,2	3,6	113,2	125,5
Amendoim 1ª safra	3.554	3.552	3.669	3,3	3,2	117,2	114,9
Amendoim 2ª safra	1.771	1.659	1.655	(0,2)	(6,5)	(3,5)	(115,7)
Arroz	6.713	6.430	6.572	2,2	(2,1)	141,8	(141,8)
Arroz sequeiro	2.468	2.415	2.422	0,3	(1,9)	6,8	(45,7)
Arroz irrigado	7.913	7.570	7.786	2,8	(1,6)	215,4	(126,9)
Feijão total	1.104	1.108	1.106	(0,1)	0,2	(1,6)	2,6
Feijão total cores	1.568	1.580	1.578	(0,1)	0,6	(2,0)	10,2
Feijão total preto	1.504	1.624	1.602	(1,4)	6,5	(22,3)	97,4
Feijão total caupi	545	520	523	0,6	(4,0)	3,2	(22,1)
Feijão 1ª safra	1.209	1.110	1.109	(0,1)	(8,3)	(1,3)	(99,8)
Cores	1.664	1.650	1.651	-	(0,8)	0,6	(13,2)
Preto	1.927	1.525	1.527	0,1	(20,7)	2,1	(399,6)
Caupi	475	425	423	(0,4)	(10,9)	(1,8)	(52,0)
Feijão 2ª safra	874	998	993	(0,5)	13,7	(4,9)	119,5
Cores	1.398	1.623	1.613	(0,6)	15,4	(10,3)	214,9
Preto	1.155	1.803	1.752	(2,8)	51,7	(50,6)	596,9
Caupi	573	557	562	0,9	(1,8)	5,3	(10,3)
Feijão 3ª safra	1.481	1.372	1.377	0,3	(7,0)	4,7	(104,1)
Cores	1.636	1.498	1.501	0,3	(8,2)	3,8	(134,6)
Preto	725	618	618	-	(14,7)	-	(106,9)
Caupi	590	578	578	-	(2,0)	0,1	(11,5)
Gergelim	547	547	547	-	-	(0,1)	(0,1)
Girassol	1.590	1.630	1.630	-	2,5	-	40,1
Mamona	951	802	805	0,3	(15,4)	2,6	(145,9)
Milho total	5.537	5.543	5.526	(0,3)	(0,2)	(17,0)	(10,7)
Milho 1ª safra	6.065	5.487	5.644	2,9	(6,9)	156,7	(421,4)
Milho 2ª safra	5.456	5.641	5.567	(1,3)	2,0	(73,7)	111,8
Milho 3ª safra	3.305	3.315	3.440	3,7	4,1	124,1	135,0
Soja	3.379	3.513	3.523	0,3	4,3	9,6	144,2
Sorgo	2.991	3.116	3.120	0,1	4,3	4,7	129,3
Subtotal	3.960	4.050	4.059	0,2	2,5	9,0	99,0
Culturas de inverno	Safras			Variação			
	2020	2021		Percentual		Absoluta	
	(a)	Mar/2021 (b)	Abr/2021 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
Aveia	1.987	2.178	2.178	-	9,6	-	191,0
Canola	912	1.255	1.255	-	37,6	-	343,0
Centeio	2.213	2.255	2.255	-	1,9	-	42,0
Cevada	3.621	3.726	3.726	-	2,9	-	105,0
Trigo	2.663	2.693	2.678	(0,6)	0,6	(15,0)	15,0
Triticale	2.628	2.840	2.840	-	8,1	-	212,0
Subtotal	2.576	2.638	2.626	(0,5)	1,9	(12,0)	50,0
Brasil (2)	3.898	3.989	3.997	0,2	2,6	8,4	99,4

Legenda: (1) Produtividade de caroço de algodão; (2) Exclui a produtividade de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2021.

TABELA 3 - ESTIMATIVA DA PRODUÇÃO DE GRÃOS - EM 1.000 T

Brasil	Estimativa da produção de grãos			Safras 2019/20 e 2020/21			
	Safras			Variação			
	19/20	20/21		Percentual		Absoluta	
Produto	(a)	Mar/2021 (b)	Abr/2021 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
Algodão - caroço (1)	4.371,3	3.654,2	3.631,1	(0,6)	(16,9)	(23,1)	(740,2)
Algodão em pluma	3.001,6	2.509,7	2.493,6	(0,6)	(16,9)	(16,1)	(508,0)
Amendoim total	557,5	575,0	595,8	3,6	6,9	20,8	38,3
Amendoim 1ª safra	544,8	565,5	586,3	3,7	7,6	20,8	41,5
Amendoim 2ª safra	12,7	9,5	9,5	-	(25,2)	-	(3,2)
Arroz	11.183,4	10.967,5	11.094,8	1,2	(0,8)	127,3	(88,6)
Arroz sequeiro	905,5	911,7	925,7	1,5	2,2	14,0	20,2
Arroz irrigado	10.277,9	10.055,8	10.169,1	1,1	(1,1)	113,3	(108,8)
Feijão total	3.222,1	3.273,6	3.288,0	0,4	2,0	14,4	65,9
Feijão total cores	2.008,0	1.993,7	1.999,8	0,3	(0,4)	6,1	(8,2)
Feijão total preto	509,5	588,6	588,9	0,1	15,6	0,3	79,4
Feijão total caupi	712,6	692,0	699,6	1,1	(1,8)	7,6	(13,0)
Feijão 1ª safra	1.105,6	1.023,0	1.018,8	(0,4)	(7,9)	(4,2)	(86,8)
Cores	609,0	609,5	605,9	(0,6)	(0,5)	(3,6)	(3,1)
Preto	313,0	248,1	248,1	-	(20,7)	-	(64,9)
Caupi	183,6	165,6	164,9	(0,4)	(10,2)	(0,7)	(18,7)
Feijão 2ª safra	1.244,7	1.442,8	1.447,9	0,4	16,3	5,1	203,2
Cores	569,2	623,6	619,9	(0,6)	8,9	(3,7)	50,7
Preto	184,5	330,3	330,6	0,1	79,2	0,3	146,1
Caupi	491,1	489,2	497,4	1,7	1,3	8,2	6,3
Feijão 3ª safra	872,1	808,1	821,6	1,7	(5,8)	13,5	(50,5)
Cores	822,1	760,6	774,0	1,8	(5,9)	13,4	(48,1)
Preto	12,0	10,2	10,2	-	(15,0)	-	(1,8)
Caupi	37,9	37,2	37,3	0,3	(1,6)	0,1	(0,6)
Gergelim	95,8	95,8	84,8	(11,5)	(11,5)	(11,0)	(11,0)
Girassol	74,9	50,4	50,4	-	(32,7)	-	(24,5)
Mamona	43,3	38,3	38,1	(0,5)	(12,0)	(0,2)	(5,2)
Milho total	102.586,4	108.068,7	108.965,6	0,8	6,2	896,9	6.379,2
Milho 1ª safra	25.689,6	23.490,5	24.512,9	4,4	(4,6)	1.022,4	(1.176,7)
Milho 2ª safra	75.053,2	82.802,3	82.608,1	(0,2)	10,1	(194,2)	7.554,9
Milho 3ª safra	1.843,6	1.775,8	1.844,7	3,9	0,1	68,9	1,1
Soja	124.844,8	135.131,6	135.540,3	0,3	8,6	408,7	10.695,5
Sorgo	2.498,4	2.618,8	2.731,7	4,3	9,3	112,9	233,3
Subtotal	249.477,9	264.473,9	266.020,6	0,6	6,6	1.546,7	16.542,7
Culturas de inverno	Safras			Variação			
	2020	2021		Percentual		Absoluta	
	(a)	Mar/2021 (b)	Abr/2021 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
Aveia	845,7	927,1	927,1	-	9,6	-	81,4
Canola	32,2	44,3	44,3	-	37,6	-	12,1
Centeio	10,4	10,6	10,6	-	1,9	-	0,2
Cevada	374,4	385,3	385,3	-	2,9	-	10,9
Trigo	6.234,6	6.437,4	6.371,0	(1,0)	2,2	(66,4)	136,4
Triticale	41,0	44,3	44,3	-	8,0	-	3,3
Subtotal	7.538,3	7.849,0	7.782,6	(0,8)	3,2	(66,4)	244,3
Brasil (2)	257.016,2	272.322,9	273.803,2	0,5	6,5	1.480,3	16.787,0

Legenda: (1) Produção de caroço de algodão; (2) Exclui a produção de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2021.

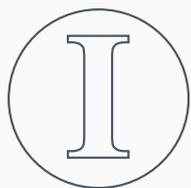
TABELA 4 - COMPARATIVO DE ÁREA, PRODUTIVIDADE E PRODUÇÃO POR UF – PRODUTOS SELECIONADOS

Brasil	Comparativo de área, produtividade e produção de grãos - produtos selecionados(*)						Safras 2019/20 e 2020/21		
Região/uf	Área (Em mil ha)			Produtividade (Em kg/ha)			Produção (Em mil t)		
	Safra 19/20	Safra 20/21	VAR. %	Safra 19/20	Safra 20/21	VAR. %	Safra 19/20	Safra 20/21	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	3.293,2	3.524,9	7,0	3.537	3.434	(2,9)	11.649,6	12.103,2	3,9
RR	76,6	94,0	22,7	4.103	4.010	(2,3)	314,3	376,9	19,9
RO	602,5	648,0	7,6	3.992	3.802	(4,8)	2.405,3	2.463,5	2,4
AC	47,5	48,7	2,5	2.147	2.386	11,1	102,0	116,2	13,9
AM	18,7	20,9	11,8	2.230	2.507	12,4	41,7	52,4	25,7
AP	24,4	24,2	(0,8)	2.574	2.579	0,2	62,8	62,4	(0,6)
PA	963,4	1.107,8	15,0	2.979	2.968	(0,4)	2.870,1	3.287,8	14,6
TO	1.560,1	1.581,3	1,4	3.752	3.632	(3,2)	5.853,4	5.744,0	(1,9)
NORDESTE	8.187,7	8.469,1	3,4	2.823	2.773	(1,8)	23.109,9	23.483,1	1,6
MA	1.605,1	1.638,8	2,1	3.489	3.472	(0,5)	5.600,2	5.690,6	1,6
PI	1.535,2	1.651,2	7,6	3.282	3.178	(3,2)	5.038,5	5.247,1	4,1
CE	913,1	943,9	3,4	875	620	(29,2)	798,7	584,9	(26,8)
RN	118,3	114,6	(3,1)	538	576	7,1	63,6	66,0	3,8
PB	212,9	205,1	(3,7)	649	649	0,1	138,1	133,2	(3,5)
PE	465,2	465,8	0,1	676	602	(11,0)	314,4	280,2	(10,9)
AL	78,2	82,7	5,8	1.331	1.364	2,5	104,1	112,8	8,4
SE	162,5	162,5	-	5.843	5.853	0,2	949,5	951,1	0,2
BA	3.097,2	3.204,5	3,5	3.261	3.251	(0,3)	10.102,8	10.417,2	3,1
CENTRO-OESTE	28.480,6	29.529,3	3,7	4.349	4.333	(0,4)	123.866,9	127.948,4	3,3
MT	17.212,4	17.748,9	3,1	4.351	4.278	(1,7)	74.898,9	75.936,7	1,4
MS	5.029,5	5.427,3	7,9	4.085	4.280	4,8	20.548,0	23.230,2	13,1
GO	6.074,3	6.187,1	1,9	4.535	4.511	(0,5)	27.547,2	27.912,2	1,3
DF	164,4	166,0	1,0	5.309	5.237	(1,4)	872,8	869,3	(0,4)
SUDESTE	5.855,0	6.415,9	9,6	4.214	4.292	1,9	24.671,6	27.536,8	11,6
MG	3.492,8	4.012,5	14,9	4.401	4.366	(0,8)	15.371,3	17.516,9	14,0
ES	26,0	21,9	(15,8)	1.823	1.986	9,0	47,4	43,5	(8,2)
RJ	2,7	2,2	(18,5)	2.000	2.227	11,4	5,4	4,9	(9,3)
SP	2.333,5	2.379,3	2,0	3.963	4.191	5,8	9.247,5	9.971,5	7,8
SUL	20.108,1	20.563,8	2,3	3.666	4.023	9,7	73.718,2	82.731,7	12,2
PR	9.807,2	10.069,4	2,7	4.166	4.075	(2,2)	40.854,0	41.028,8	0,4
SC	1.287,0	1.314,8	2,2	5.075	4.644	(8,5)	6.530,9	6.105,6	(6,5)
RS	9.013,9	9.179,6	1,8	2.921	3.878	32,7	26.333,3	35.597,3	35,2
NORTE/NORDESTE	11.480,9	11.994,0	4,5	3.028	2.967	(2,0)	34.759,5	35.586,3	2,4
CENTRO-SUL	54.443,7	56.509,0	3,8	4.082	4.216	3,3	222.256,7	238.216,9	7,2
BRASIL	65.924,6	68.503,0	3,9	3.899	3.997	2,5	257.016,2	273.803,2	6,5

Legenda: (*) Produtos selecionados: Carço de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), gergelim, girassol, mamona, milho (1ª, 2ª e 3ª safras), soja, sorgo, trigo e triticale.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2021.



INTRODUÇÃO

Seguindo o calendário de divulgações, a Conab apresenta o sétimo levantamento da safra 2020/21 de grãos, com informações atualizadas das culturas de primeira safra em relação à área plantada, à produtividade média e à produção. Além disso, discorre sobre o andamento das operações de colheita dessas graníferas e as condições encontradas nas regiões produtoras.

Ademais, disponibiliza as recentes informações sobre as culturas de segunda safra, que estão em fase de plantio e crescimento, sucedendo a colheita dos cultivos de primeira safra.

Como parte do aprimoramento dos levantamentos e análises dos dados de safra, desde novembro de 2020, a Conab passou a divulgar, semanalmente, o progresso de safras das principais culturas, disponível no site <https://www.conab.gov.br/info-agro/safras/progresso-de-safra>, mantendo-se como referência na produção de dados e informações para o agronegócio brasileiro.

O levantamento é fruto do trabalho realizado por cerca de 80 técnicos das superintendências regionais, distribuídas em todas as Unidades da Federação.

Neste trabalho, além da pesquisa subjetiva, são utilizados métodos que envolvem modelos estatísticos, pacotes tecnológicos modais das principais culturas em diversos locais de produção, acompanhamentos agrometeorológicos e espectrais, bem como outras informações que complementam os métodos citados.



ANÁLISE CLIMÁTICA¹

ANÁLISE CLIMÁTICA DE MARÇO

Em março de 2021, os maiores volumes de chuva ocorreram principalmente sobre a Região Norte, norte da região Nordeste e alguns estados das Regiões Centro-Oeste e Sul.

Na Região Norte, a precipitação total foi superior a 250 mm em praticamente todos os estados, com exceção do norte de Roraima e sul de Tocantins, onde os volumes ficaram entre 120 mm e 200 mm. Em Novo Repartimento, no estado do Pará, o total de chuva registrado foi de 694 mm.

Na Região Sul, as chuvas foram mais frequentes em relação ao mês anterior, com totais variando entre 150 mm e 200 mm. Destaque para o leste de Santa Catarina, onde os volumes de chuva chegaram a ultrapassar os 300 mm, como foi o caso da capital Florianópolis, onde a estação meteorológica do Inmet registrou um valor total de chuva de 353 mm e a média corresponde a 180 mm.

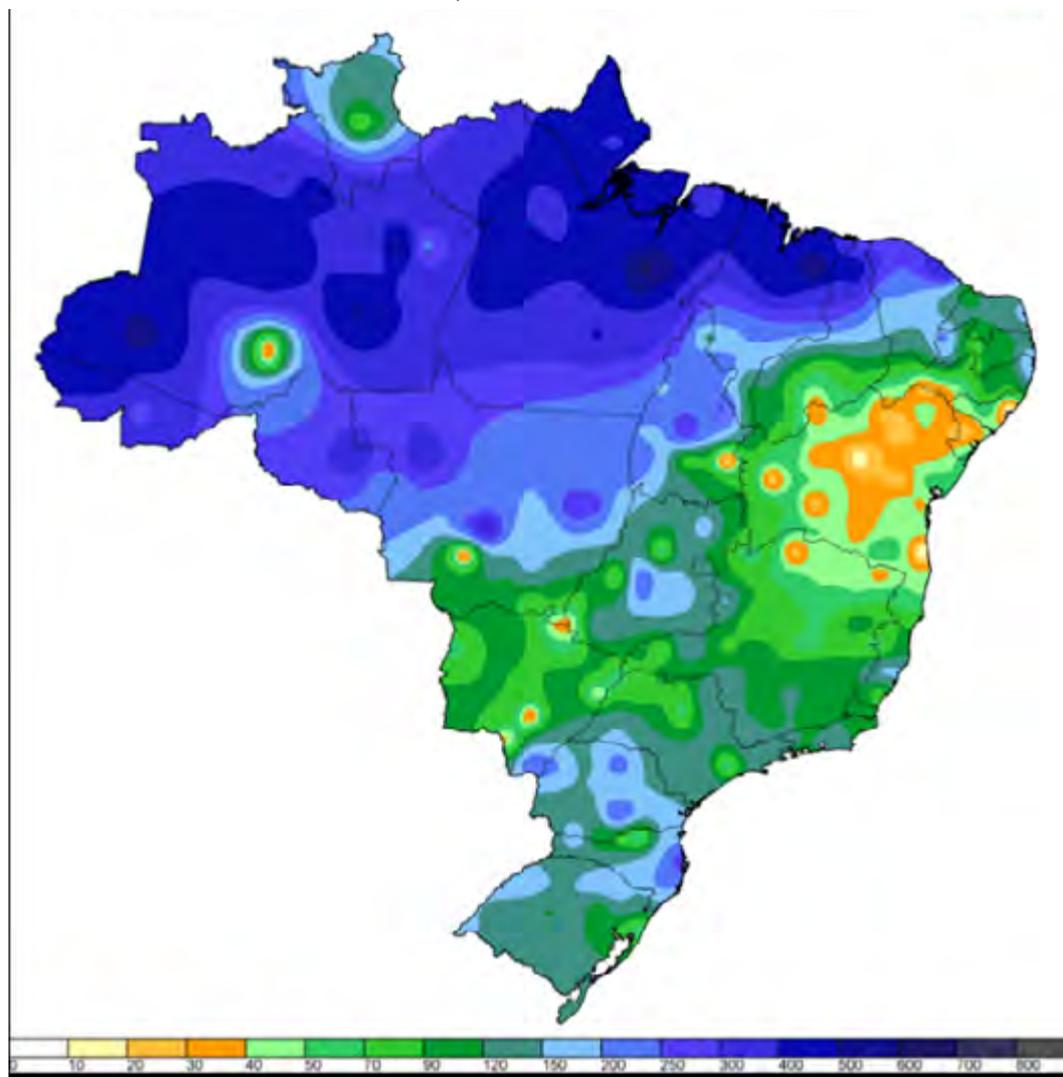
¹ Danielle Barros Ferreira – Meteorologista do Inmet - Brasília.

No Centro-Oeste, as chuvas de março foram irregulares com volumes abaixo da média em grande parte da região e acumulados de chuva elevados no norte mato-grossense, com totais entre 200 mm e 400 mm. No município de Diamantino (MT), por exemplo, choveu quase 80 mm acima da média. De modo geral, o plantio do milho segunda safra se encontra na fase final, apresentando lavouras com boas condições.

Os maiores volumes de chuva na Região Sudeste foram observados nas partes sul e leste de São Paulo, sul de Minas Gerais e do Rio de Janeiro. Nas demais áreas, os volumes de chuva foram inferiores a 120 mm, principalmente no norte de Minas Gerais, onde foram registrados os menores valores de chuva da região.

Na Região Nordeste, as chuvas mais significativas ocorreram sobre a parte norte da região, onde os totais acumulados ficaram entre 300 mm e 600 mm entre o norte do Maranhão e do Ceará. No restante da Região Nordeste, os volumes foram inferiores a 200 mm. Entretanto, os estados mais afetados pela escassez de chuvas durante março foram Bahia, Sergipe e Alagoas.

FIGURA 1 - MAPAS DE PRECIPITAÇÃO ACUMULADA EM FEVEREIRO/2021



Fonte: Inmet.

CONDIÇÕES OCEÂNICAS RECENTES E TENDÊNCIA

Na primeira quinzena de março de 2021 foi observado um resfriamento do Oceano Pacífico Equatorial menos intenso em relação ao mês anterior, levando a um enfraquecimento do fenômeno La Niña.

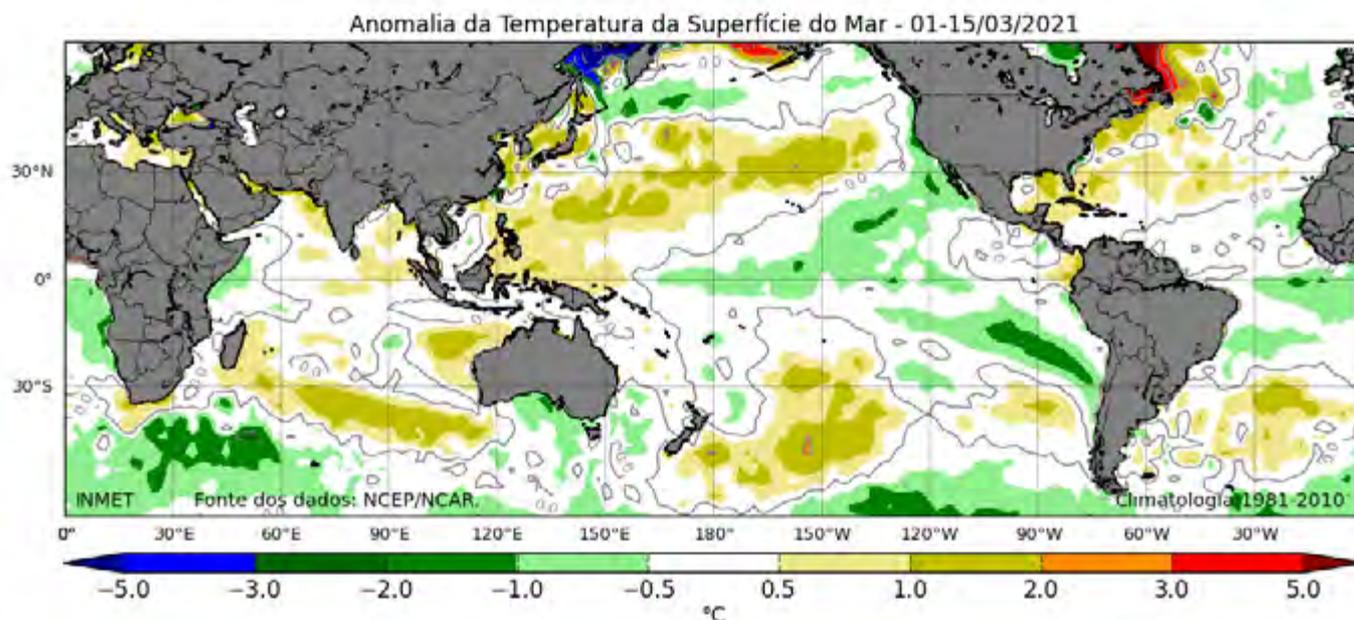
Os registros diários da TSM no Oceano Pacífico Equatorial desde o início de março mostram uma sequência de vários dias com anomalias negativas

persistindo em um patamar de desvios negativos entre $-0,5\text{ }^{\circ}\text{C}$ e $0\text{ }^{\circ}\text{C}$, como pode ser observado no gráfico diário de anomalia de TSM na área 3.4 de El Niño/La Niña (entre 170°W - 120°W).

Considera-se que o Oceano Pacífico Equatorial está na fase neutra quando as anomalias médias de TSM estão entre $-0,5\text{ }^{\circ}\text{C}$ e $+0,5\text{ }^{\circ}\text{C}$.

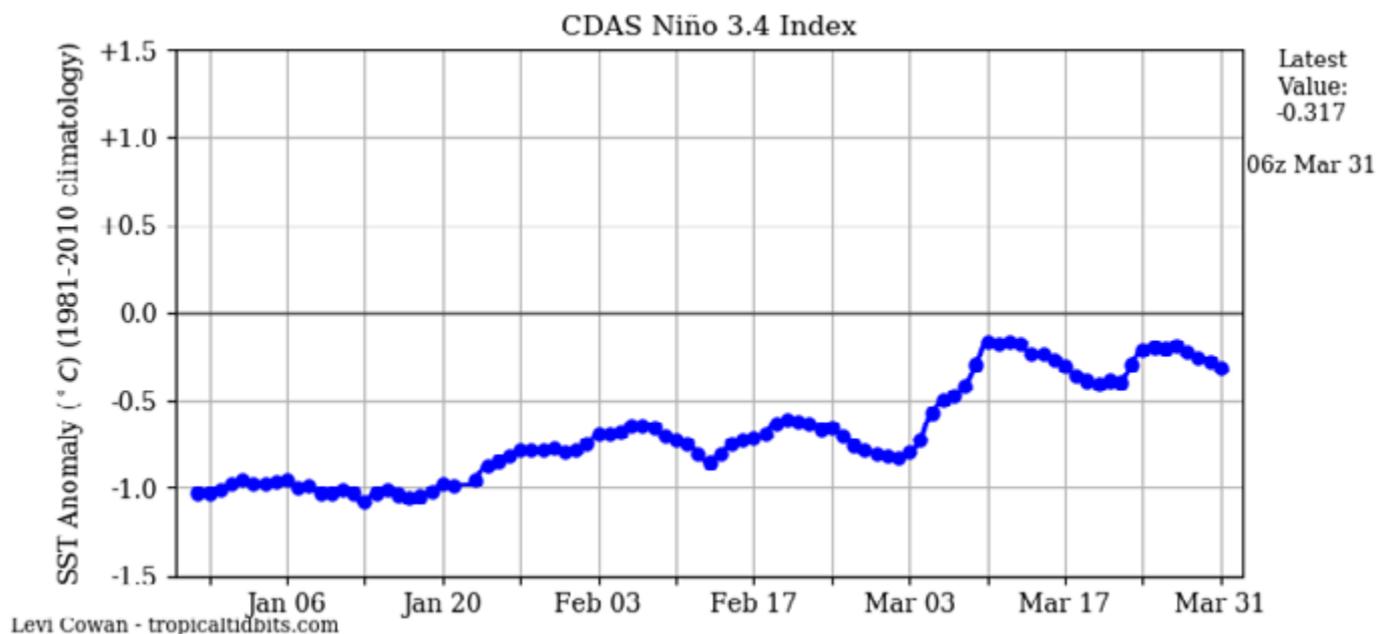
No Atlântico Tropical observa-se que os valores de anomalias de TSM ao norte do equador ficaram próximos a zero, enquanto as anomalias negativas ao sul estiveram mais distantes da costa do Nordeste brasileiro. Esse cenário mostra um Dipolo do Atlântico com sinal mais neutro durante a primeira quinzena de março de 2021, acarretando chuvas próximas a ligeiramente acima da média sobre o norte das Regiões Norte e Nordeste.

FIGURA 2 - MAPA DE ANOMALIAS DA TSM NO PERÍODO DE 1º A 5/3/2021



Fonte: Tropical Tidbits
 Disonivel em : <https://www.tropicaltidbits.com/analysis>

GRÁFICO 1 - MONITORAMENTO DO ÍNDICE DIÁRIO DE EL NIÑO/LA NIÑA NA REGIÃO 3.4

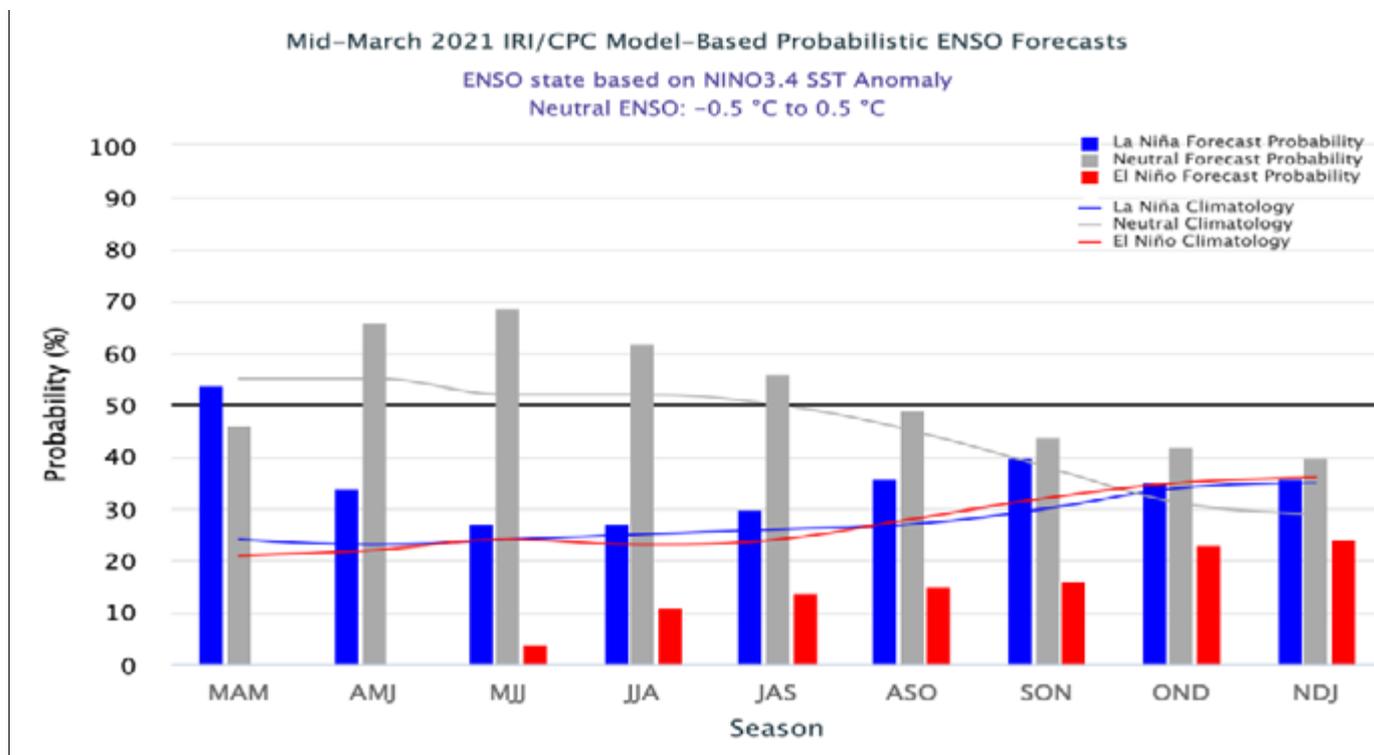


Fonte: Tropical Tidbits

Disonível em : <https://www.tropicaltidbits.com/analysis>

O gráfico com a média dos modelos de previsão de El Niño/La Niña apresenta probabilidade de 54% da continuidade do fenômeno La Niña até o trimestre março, abril e maio de 2021. Após esse trimestre, as probabilidades indicam que o Oceano Pacífico deve entrar em uma fase de neutralidade.

GRÁFICO 2 - PREVISÃO PROBABILÍSTICA DO IRI PARA OCORRÊNCIA DE EL NIÑO OU LA NIÑA



Fonte: IRI

Disonível em : <https://iri.columbia.edu/our-expertise/climate/forecasts/enso/current>

PROGNÓSTICO CLIMÁTICO PARA O BRASIL – ABRIL-MAIO-JUNHO/2021

Para a Região Sul, as previsões climáticas indicam que o trimestre deve ficar com chuvas abaixo da média climatológica em praticamente toda a região, exceto no sudeste do Rio Grande do Sul, onde há probabilidade de ocorrência de chuvas próximas a acima da climatologia.

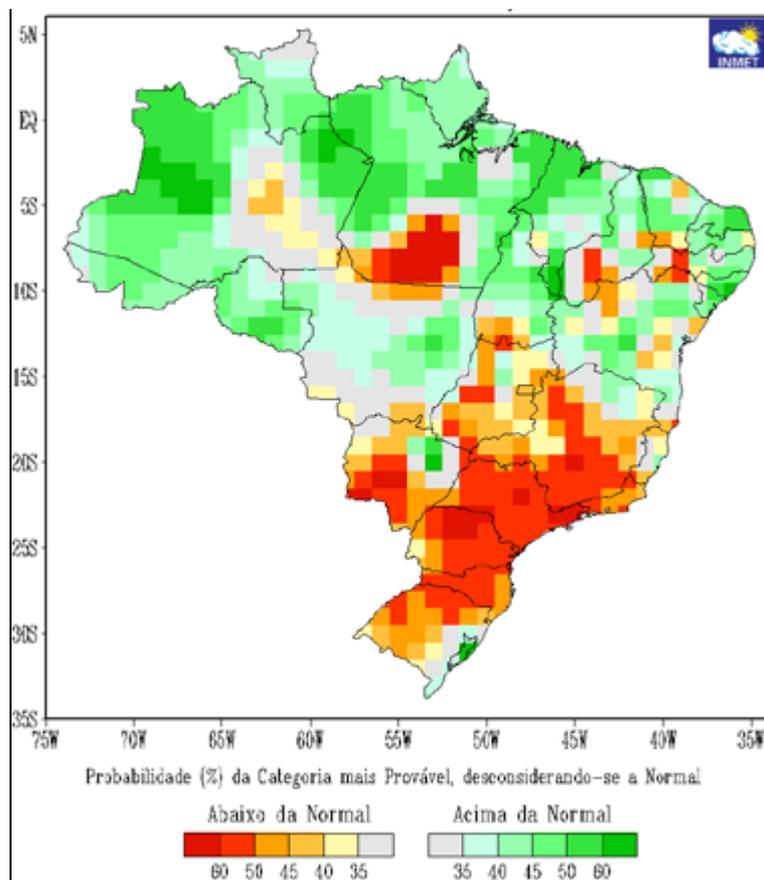
As previsões climáticas ainda apontam uma irregularidade espacial e temporal na distribuição das chuvas nas Regiões Centro-Oeste e Sudeste antes do início do período seco, a partir de maio. Dessa forma, o modelo do Inmet indica o predomínio de acumulados de chuva abaixo da média em grande parte dessas regiões. Entretanto, as chuvas ainda prevalecem sobre algumas áreas, como: centro-norte do Mato Grosso, leste do Mato

Grosso do Sul, nordeste de Minas Gerais e norte do Espírito Santo, onde são previstos volumes de chuvas próximas a ligeiramente acima da média, principalmente em abril.

Na Região Norte, norte da região Nordeste e no Matopiba, o predomínio é de áreas com probabilidade de chuvas acima ou próximas da média durante o trimestre abril, maio e junho. No sudeste do Amazonas, sul do Pará, sudoeste do Tocantins, sudeste do Piauí, sul do Ceará e norte da Bahia, há possibilidade de uma maior irregularidade na precipitação, podendo resultar em totais abaixo da média.

Mais detalhes sobre prognóstico e monitoramento climático podem ser vistos na opção CLIMA do menu principal do sítio do Inmet [sítio do INMET](#).

FIGURA 3 - PREVISÃO PROBABILÍSTICA DE PRECIPITAÇÃO PARA O TRIMESTRE ABRIL-MAIO-JUNHO/2021



Fonte: Inmet.

ANÁLISE DAS CULTURAS



ALGODÃO

ÁREA

1.413,1 mil ha
-15,2%

PRODUTIVIDADE

1.764 kg/ha
-2,1%

PRODUÇÃO

2,49 milhões t
-17%

Comparativo com safra anterior
Algodão em pluma
Fonte: Conab.

SUPRIMENTO

ESTOQUE INICIAL 1.764,9 mil t
PRODUÇÃO 2.493,6 mil t
IMPORTAÇÕES 1 mil t
4.259,6 mil t

DEMANDA

CONSUMO INTERNO 700 mil t
EXPORTAÇÕES 2.075 mil t
2.775 mil t

A semeadura do algodão está finalizada, e as lavouras seguem em desenvolvimento, com a maioria delas já em fase reprodutiva (floração e formação de maçãs).

Houve redução na área semeada em comparação a 2019/20. Foram cerca de 1.413,1 mil hectares destinados à cotonicultura nesse ciclo, simbolizando diminuição de 15,2% em relação ao período anterior, fruto da retração do mercado ocorrida durante a pandemia de Covid-19 em 2020, que provocou a paralisação das vendas, renegociação e cancelamentos de contratos

firmados, que elevou os estoques mundiais de passagem e provocou menor venda da safra a ser plantada, quando comparada à safra anterior.

As condições climáticas ainda apresentam oscilações, especialmente em relação às chuvas, mas, no geral, as lavouras apresentam boas condições.

Ao todo, a estimativa de produção é na ordem de 6.124,7 mil toneladas de algodão em caroço ou 2.493,6 mil toneladas de algodão em pluma. Esses valores indicam redução de 16,9% em comparação aos resultados na temporada passada, impulsionados, especialmente, pela diminuição de área plantada.

OFERTA E DEMANDA

Em mais um recorde mensal, o Brasil exportou 221,9 mil toneladas de pluma em março. Esse volume é 158% acima do exportado em março de 2020.

No acumulado deste ano, o país exportou 731,3 mil toneladas, volume 18% superior ao escoado nos três primeiros meses do ano passado, que foi de 619,8 mil toneladas. A receita com as vendas ao exterior em março totalizou US\$ 370,7 milhões, 66% superior a março de 2020.

No Brasil, o varejo segue enfraquecido em março, diante das novas medidas de distanciamento social, isso deve afetar negativamente o ritmo industrial, que estava em compasso de recuperação.

Assim, as exportações são as principais opções. Há também o medo de uma terceira onda da covid-19 na Europa, que comprometeria o consumo global

de fibra de algodão. Por outro lado, a tensão entre Estados e China na área comercial pode abrir um espaço para o aumento da demanda chinesa pela fibra brasileira. Hoje a China já é o destino de um terço das nossas exportações.

Diante de preços da pluma em patamares bem elevados, fica a preocupação de como será o processo de repasse da alta dos custos para o consumidor final de têxteis. Isso, depois do PIB encolher mais de 4% em 2020, o Brasil se encontra atualmente com as maiores taxas de contaminação e mortes desde o início da pandemia. Isso poderá contribuir para que a recuperação da economia siga de maneira lenta. Com o encarecimento da matéria-prima, o consumo doméstico de pluma poderá diminuir durante o ano de 2021 e não alcançar o volume de 700 mil toneladas estimado no quadro de oferta e demanda da Conab.

Para o ano de 2021, em se confirmando o retorno do consumo interno para o patamar de 700 mil toneladas, a queda de 16,9% na produção, estimada em 2,49 milhões de toneladas, e as exportações acima dos 2 milhões de toneladas, o estoque final deve cair depois de cinco anos consecutivos de altas.

A estimativa da Conab é que termine o ano em 1,48 milhão de toneladas. Esse cenário de menor oferta interna deverá manter os preços no mercado doméstico elevados e proporcionar boa rentabilidade ao produtor.

TABELA 5 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - ALGODÃO EM PLUMA - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2014/15	652,4	1.562,8	2,1	2.217,3	670,0	834,3	713,0
2015/16	713,0	1.289,2	27,0	2.029,2	640,0	804,0	585,2
2016/17	585,2	1.529,5	33,6	2.148,3	685,0	834,1	629,2
2017/18	629,2	2.005,8	30,0	2.665,0	670,0	974,0	1.021,0
2018/19	1.021,0	2.778,8	1,7	3.801,5	700,0	1.613,7	1.487,8
2019/20	1.487,8	3.001,6	1,0	4.490,4	600,0	2.125,4	1.765,0
2020/21	Mar/21	1.764,9	2.509,7	1,0	4.275,6	700,0	1.500,6
	Abr/21	1.765,0	2.493,6	1,0	4.259,6	700,0	1.484,6

Fonte: Conab.

Nota: Estoque de Passagem - Algodão: 31 de Dezembro.

ANÁLISE ESTADUAL

Na Região Centro-Oeste, considerada a maior região produtora do país, houve diminuição de 14,5% na área plantada em comparação ao visualizado no exercício anterior. Dessa forma, foram semeados cerca de 1.054,5 mil hectares, distribuídos entre os três estados da região, porém a maior redução absoluta foi registrada em Mato Grosso, motivada, principalmente, pela substituição de áreas antes voltadas para cotonicultura, que, neste ciclo, em virtude das condições de mercado, foram direcionadas à semeadura de milho segunda safra, além do estreitamento da janela ideal de plantio em virtude do atraso no ciclo da soja.

Em Mato Grosso, que participa com mais 70% da área total de algodão no país, houve confirmação de redução na área plantada em relação à temporada passada, especialmente em razão da menor janela para o plantio e o risco associado à semeadura fora do período ideal, bem como à alta dos preços pagos pelo milho, gerando assim maior concorrência de

área para o algodão na escolha da cultura de sucessão à soja de primeira safra. Portanto, o total semeado neste ciclo ficou em 1.002,8 mil hectares, representando diminuição de 14% em comparação a 2019/20.

De modo geral, as áreas cultivadas têm apresentado bom desenvolvimento vegetativo e reprodutivo. Ainda que chuvas intensas tenham incidido sobre lavouras em estágio inicial de desenvolvimento em determinadas regiões, essas são consideradas questões pontuais, sem comprometimento do potencial geral de produção. Os tratamentos culturais estão sendo realizados dentro da normalidade, com aplicações para o controle de pragas, principalmente o bicudo do algodoeiro, bem como estão sendo realizadas as adubações de cobertura e controle de crescimento. Com o plantio encerrado desde fevereiro, as lavouras se encontram, predominantemente, em formação de maçãs para o algodão primeira safra e em floração para a cultura considerada de segunda safra.

Em Goiás também houve redução na área plantada em comparação à temporada anterior. As operações de semeadura estão finalizadas, alcançando cerca de 27,3 mil hectares semeados. Essa diminuição de área esperada é reflexo da alta concorrência de área para o cultivo de outras graminíferas como milho e soja, que atualmente têm apresentado muito boa rentabilidade, além da diminuição da demanda mundial pela pluma do algodão.

Vale ressaltar que houve duas épocas de plantio da cultura no estado, sendo a primeira entre novembro e dezembro e a segunda entre janeiro e fevereiro. Estima-se que 70% das lavouras tenham sido implantadas no primeiro período, e os outros 30% são relacionados ao plantio de segunda safra, sucedendo à colheita da soja. De modo geral, as lavouras apresentam boa sanidade, com bom manejo de pragas e doenças, principalmente no

extremo-sul e leste do estado. A maior parte das plantas está em fase reprodutiva (especialmente em formação de maçãs).

Na Região Nordeste, a Bahia, segundo maior produtor nacional, também apresenta expressiva redução na área plantada, atingindo 267 mil hectares, 14,9% de redução em relação à safra 2019/20. Essa diminuição é fruto da retração do mercado, ocorrida durante a pandemia de Covid-19, que provocou a paralisação das vendas, além da erradicação de lavouras de segundo ciclo no centro-norte baiano em razão do plano de defesa agropecuário local, visando o combate do bicudo do algodoeiro.

Em face da boa ocorrência de chuvas durante fevereiro e março, o que proporcionou níveis satisfatórios de umidade do solo, as lavouras de algodão estão apresentando um bom desenvolvimento, sinalizando expectativa de boas produtividades.

Foi registrada a ocorrência de bicudo do algodoeiro e mosca-branca em algumas regiões produtoras, no entanto, o nível de infestação é baixo, não causando danos significativos nas lavouras de algodão.

Além da Bahia, estados como Maranhão, Piauí, Ceará, Paraíba, Alagoas e Rio Grande do Norte também apresentam produção de algodão na Região Nordeste. A destinação de área é expressivamente menor nessas localidades, se comparadas à cotonicultura baiana, mas potencializam a produção regional. De modo geral, houve redução nas áreas plantadas nesses estados (exceção a Alagoas) em comparação ao visualizado na safra 2019/20, impactando no volume final previsto.

Na Região Sudeste, Minas Gerais se destaca na produção da fibra. Para esta safra foram destinados cerca de 31,2 mil hectares à cotonicultura,

representando redução de 18,1% em comparação à área plantada em 2019/20. Tal decréscimo se justifica pela concorrência de área com outras culturas como soja, milho e feijão, que, nesta temporada, têm apresentado melhores rentabilidades. Atualmente, as lavouras estão demonstrando bom desenvolvimento, projetando rendimentos satisfatórios, desde que as condições climáticas se mantenham favoráveis.

Em São Paulo houve expressiva redução na área plantada em comparação ao exercício passado. Muitos dos produtores tradicionais da região de Avaré optaram pelo plantio de soja em detrimento do algodão, aproveitando o momento de preços atrativos que a soja tem apresentado. Assim, o estado passou de 11 mil hectares cultivados em 2019/20 para 4,7 mil hectares semeados neste ciclo. Atualmente, as lavouras apresentam boas condições fitossanitárias e estão, majoritariamente, em fase de formação de maçãs e maturação. O clima tem sido considerado favorável, até o momento.

Na Região Sul, o Paraná é o único estado produtor de algodão nesta safra. O plantio está finalizado, confirmando a perspectiva de redução na área semeada em relação a 2019/20 devido à competição de área com outras culturas. Ao todo foram 900 hectares destinados à cotonicultura neste ciclo, apresentando lavouras em variados estágios de desenvolvimento.

No geral, as condições das plantas são consideradas boas, especialmente depois da retomada das precipitações a partir de dezembro de 2020. Entretanto, a preocupação com a diminuição desses níveis pluviométricos durante o outono a um patamar que possa prejudicar as lavouras, principalmente nas fases mais críticas de desenvolvimento.

QUADRO 1 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS GERAIS E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS – ALGODÃO

Legenda – Condição hídrica													
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas								
UF	Mesorregiões	Algodão - Safra 2019/2020											
		NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	
MA	Sul Maranhense - 1ª Safra		S/E	DV	DV/F	F/FM	FM	M	M/C	C	C		
	MA			S	E/DV	DV	F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	
PI	Sudoeste Piauiense		S/E	E/DV	DV/F	F/FM	FM	M	M/C	C	C		
BA	Extremo Oeste Baiano	S	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	M/C	C		
	Centro Sul Baiano	S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/FM	FM	M	M/C	C	C		
MG	Noroeste de Minas - 1ª Safra	PS	S/E/DV	DV/F	F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C		
	Noroeste de Minas - 2ª Safra				S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - 1ª Safra	PS	S/E/DV	DV/F	F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C		
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - 2ª Safra				S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - 1ª Safra		S/E/DV	DV/F	F	F/FM	FM/M	M/C	M/C	C	C		
	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Leste de Mato Grosso do Sul - 1ª Safra		S/E/DV	DV	F	F/FM/M	FM/M/C	M/C	M/C	C	C		
	Leste de Mato Grosso do Sul - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
MT	Norte Mato-grossense - 1ª Safra		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C		
	Norte Mato-grossense - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Nordeste Mato-grossense - 1ª Safra		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C		
	Nordeste Mato-grossense - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Sudoeste Mato-grossense - 1ª Safra		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C		
	Sudoeste Mato-grossense - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Centro-Sul Mato-grossense - 1ª Safra		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C		
	Centro-Sul Mato-grossense - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Sudeste Mato-grossense - 1ª Safra		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C		
	Sudeste Mato-grossense - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
GO	Leste Goiano - 1ª Safra		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C		
	Leste Goiano - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Sul Goiano - 1ª Safra		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C		
	Sul Goiano - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	

Fonte: Conab.

Nota: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FM)=formação de maçãs; (M)=maturação; (C)=colheita.



Foto 1 – Lavoura de algodão em Luis Eduardo Magalhães

Fonte: Conab.

Foto 2 – Algodão em Chapadão do Sul



Fonte: Conab.

Para mais informações sobre o progresso da safra de algodão, [clique aqui](#).



ARROZ

ÁREA

1.688,3 mil ha
+1,4%

PRODUTIVIDADE

6.572 kg/ha
-2,1%

PRODUÇÃO

11.094,8 mil t
-0,8%

Comparativo com safra anterior

Fonte: Conab

SUPRIMENTO

ESTOQUE INICIAL 1.595,8 mil t
PRODUÇÃO 11.094,8 mil t
IMPORTAÇÕES 1.100 mil t
13.790,6 mil t

DEMANDA

CONSUMO INTERNO 10.800 mil t
EXPORTAÇÕES 1.100 mil t
11.900 mil t

Para a safra total 2020/21, a previsão é de 11,1 milhões de toneladas produzidas, 0,8% menor que a safra anterior, em uma área de 1.688,3 mil hectares, incremento de 1,4% em relação à safra anterior.

Na última semana de março, já havia 45,5% da área total colhida, perante 49,3% no mesmo período da safra passada. Houve a intensificação da colheita a partir do mês de março, a qual está com as operações em uma evolução similar ao da safra anterior.

OFERTA E DEMANDA

A Conab estima que a safra brasileira 2020/21 de arroz será 0,8% menor que a da safra 2019/20. Esse resultado é reflexo principalmente das estimativas de redução da produtividade (-2,1%). Outro fator preponderante é a área, que aponta para uma menor expansão (+1,4) do que inicialmente previsto nos modelos estatísticos. Cabe ressaltar que a área estimada no presente trabalho foi resultado de pesquisa a campo dos nossos colaboradores das superintendências regionais. Como principais fatores da expansão aquém do previsto, apesar do atual patamar recorde de preço do arroz, destacam-se a falta de água em algumas regiões do Rio Grande do Sul e os elevados preços

dos grãos que competem por área com a cultura do arroz (soja e milho).

Especificamente sobre o quadro de oferta e demanda do arroz, neste sétimo levantamento não houve significativa alteração dos números apresentados no sexto levantamento, com exceção da produção, que aumentou a estimativa em 127 mil toneladas para safra 2020/21. A perspectiva ao longo de 2021 é de recuperação dos estoques de passagem (+18,5%), como resultado, principalmente de uma projeção de retração do consumo em razão da perspectiva de recuperação econômica, haja vista a elasticidade-renda negativa do arroz. Sobre a balança comercial, a projeção de preços elevados, somada à estimativa de fortalecimento da moeda nacional, alterará o cenário de superavit, identificado na safra 2019/20, para um equilíbrio entre volume exportado e importado em 1,1 milhão de toneladas.

TABELA 6- BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - ARROZ EM CASCA -EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL	
2014/15	2.304,9	12.448,6	510,0	15.263,5	11.830,5	1.311,1	2.121,9	
2015/16	2.121,9	10.603,0	1.044,1	13.769,0	11.096,6	935,5	1.736,9	
2016/17	1.736,9	12.327,8	1.141,7	15.206,4	12.215,7	868,8	2.121,9	
2017/18	2.121,9	12.064,2	842,7	15.028,8	10.793,7	1.809,3	2.425,8	
2018/19	2.425,8	10.483,6	1.012,5	13.921,9	10.544,6	1.432,3	1.945,0	
2019/20	1.945,0	11.183,4	1.280,8	14.409,2	11.000,0	1.813,4	1.595,8	
2020/21	Mar/21	1.595,8	10.967,5	1.100,0	13.663,3	10.800,0	1.100,0	1.763,3
	Abr/21	1.595,8	11.094,8	1.100,0	13.790,6	10.800,0	1.100,0	1.890,6

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2021.

Estoque de Passagem - Arroz: 31 de Dezembro.

ANÁLISE ESTADUAL

Na Região Norte, a previsão é de incremento na área plantada em comparação à safra anterior, com tendência de aumento na produção, que atualmente está estimada em 1.026,5 mil toneladas, um aumento de 3,5%

em comparação à safra anterior. Com isso, a região deverá se configurar como a segunda maior produtora nacional de arroz, tendo como maior destaque a produção de Tocantins.

Em Rondônia, o cultivo é exclusivamente de sequeiro e toda a área do arroz já foi semeada, onde a oferta de água foi suficiente para o suprimento das plantas, os talhões já estabelecidos com a cultura se encontram em boas condições.

Para a cultura de primeira safra, as fases fenológicas são as seguintes: 16% em enchimento de grãos, 24% em maturação e 60% colhida ou apta a colher. Os talhões já estabelecidos com a cultura seguem em boas condições. A oferta de água foi suficiente para o suprimento das plantas.

Para a cultura de segunda safra, as fases fenológicas são as seguintes: 50% em desenvolvimento vegetativo, 40% em floração e 10% em enchimento de grãos.

As primeiras estimativas apontam para uma área total cultivada de 42,5 mil hectares, com perspectiva de produção de 139,5 mil toneladas.

No Acre, o cultivo de arroz é unicamente de sequeiro, onde é cultivado na safra de verão, cujo plantio ocorre de outubro a dezembro, época mais favorável ao desenvolvimento da cultura devido ao período chuvoso. Na safra 2020/21, devido ao baixo volume de chuvas, o plantio foi mais tardio, mais concentrado entre novembro e dezembro.

Mesmo com o aumento da demanda e do preço comercial do arroz, a tendência é de redução da área cultivada, prevista em 3,7 mil hectares e produtividade média de 1.270 kg/ha.

Em Tocantins, a previsão inicial é de aumento na área plantada em comparação à safra anterior, especialmente em razão da maior valorização do grão no mercado interno.

Para o arroz de sequeiro, a colheita está prevista em todo o estado a partir da primeira quinzena de abril. Trata-se de áreas semeadas por pequenos agricultores, cujas produtividades geralmente são condizentes com o nível de tecnologia utilizada.

Quanto ao arroz irrigado, as lavouras estão em boas condições e apresentam um bom nível de desenvolvimento. O clima vem contribuindo para o avanço da colheita durante março nas principais regiões produtoras do estado, porém o volume de grãos colhidos poderá acarretar um grande acúmulo de produto na porta dos armazéns prestadores de serviços. É esperada uma boa produtividade, principalmente pelo sistema de manejo adotado com pulverizações preventivas para o controle dos ataques da brusone do arroz. Até o final de março, a estimativa é de 60% da área colhida, com uma boa qualidade nos grãos.

Para o arroz irrigado segunda safra, as lavouras se encontram em fase de desenvolvimento vegetativo e alguns produtores optaram pelo plantio da soja de sequeiro, como cultura principal em áreas de várzeas e semearam posteriormente a cultura do arroz para rotação e aumento de receita. O plantio da cultura do arroz irrigado foi concluído no final de março.

Em Roraima, o cultivo acontece em dois momentos. Uma parte das lavouras, denominada safra de verão, referente à safra 2020/21, foi confirmada em 8.500 hectares, com plantio finalizado no início de dezembro. Em janeiro foi iniciado o período de colheita do grão, que deve ser finalizada na primeira

quinzena de abril. A expectativa é colher aproximadamente 7.000 kg/ha de arroz, o que deve ocorrer, uma vez que diminuíram as chuvas que poderiam prejudicar as operações de colheita.

Já o segundo período de plantio do arroz irrigado de inverno (por inundação), para a safra 2020/21, estima-se uma área de 4 mil hectares. O preparo do solo já foi finalizado, e o plantio deve ocorrer em maio e a colheita entre agosto e setembro.

No Amazonas, o cultivo de arroz acontece basicamente para o consumo próprio, manejado em condição de sequeiro. A intenção é de cultivar 5,8 mil hectares, um grande incremento em relação à safra passada.

No Pará houve pequena redução na estimativa de área plantada em relação a 2019/20, indicando uma área de plantio de 44,3 mil hectares nesta safra. Para a produção, a perspectiva é de obtenção de 108,9 mil toneladas.

Na Região Nordeste, a intenção é de aumento na área plantada em comparação ao ciclo passado. A expectativa é que sejam semeados 167,1 mil hectares, distribuídos em oito estados da região.

No Maranhão, as lavouras de arroz irrigado cultivadas no estado, concentram-se basicamente na região da baixada maranhense, norte do estado, nos municípios de Viana, Vitória do Mearim e Arari, com exceção do município de São Mateus que se encontra na região central do estado.

Na presente safra, nos municípios de Arari, Vitória do Mearim e Viana, na Baixada Maranhense, no norte do estado, houve um incremento da área de aproximadamente 62,5% em relação à safra 2019/20, em razão do preço atrativo do produto no mercado.

As lavouras dessa cultura foram plantadas entre julho e setembro de 2020. A colheita foi iniciada em outubro de 2020, nos municípios de Arari e Vitória do Mearim, com área total de aproximadamente 97% colhida até o final de março. O município de Viana segue as operações de colheita até no início de fevereiro de 2021.

A área cultivada de arroz irrigado foi de 2,6 mil hectares, com perspectiva de rendimento médio de 6.000 kg/ha e produção total esperada de 15,6 mil toneladas. As lavouras dessa cultura foram implantadas entre julho e setembro de 2020. A colheita foi iniciada em outubro de 2020 nos municípios de Arari e Vitória do Mearim, a qual se encontra finalizada.

A condução das lavouras com o arroz de sequeiro segue de maneira satisfatória, com previsão de início da colheita para final de março de 2021 e durante abril de 2021.

A área desse cereal nesta safra deve ter um aumento de 5,9% em relação à safra anterior, saindo de 89,9 mil hectares da safra 2019/20 para 95,2 mil hectares em 2020/21.

No Piauí, a área de arroz total deve apresentar incremento na ordem de 4,3%, atingindo cerca de 56 mil hectares. Esse aumento é devido, principalmente, ao preço atrativo do cereal. O plantio das áreas de sequeiro foi concluído durante janeiro, e as lavouras apresentam boas condições de desenvolvimento, as quais já se encontram em estágio reprodutivo. Já as áreas irrigadas devem ser plantadas a partir de maio. A área de arroz no estado é predominantemente oriunda da agricultura familiar, com exceção das áreas irrigadas, onde predomina a agricultura empresarial.

Em Alagoas, a cultura é manejada em condição irrigada. Nesta safra, a

intenção é de manutenção de 3,1 mil hectares, com estimativa de produção acima das 21,4 mil toneladas.

A produção de arroz no estado está concentrada em dois perímetros irrigados: Boacica e Itiúba. Ambos localizados nos municípios de Igreja Nova e Porto Real do Colégio, respectivamente. Cada perímetro com regimes distintos de safra. Neste período, mais de 50% da área plantada foi colhida no perímetro Boacica, enquanto no Itiúba a colheita será iniciada em março, com pico de colheita em abril.

Em Sergipe, as boas cotações do grão no mercado nacional incentivaram a colheita, que avançou em janeiro. Os informantes estimam que 95% da área plantada de arroz foi colhida, com parte dessas áreas sendo utilizadas logo após para o plantio de uma segunda safra em 2021.

O cultivo da soca também está sendo usado como alternativa por alguns produtores, objetivando o aumento da produção e a redução dos gastos com insumos na área plantada, visto que a produtividade é menor quando comparada com um novo plantio iniciado com sementes selecionadas. De acordo com um produtor entrevistado, a queda de rendimento é de 30% quando utilizado o cultivo da soca.

As condições das lavouras são boas, com alguns relatos localizados de brusone e ataques de percevejo, uma vez que bem controlados e sem causar prejuízos significativos, de forma que o rendimento médio obtido, até o momento, é de 7.546 kg/ha.

No máximo 5% da produção é armazenada para uma venda futura. Apesar dos preços mais elevados no mercado nacional e das boas condições climáticas, a estimativa atual é de manutenção da área plantada, em torno de 4 mil hectares.

No Centro-Oeste, terceira região que mais produz arroz no país, a estimativa é de incremento na área plantada em 3,2%, quando comparada à última safra, situando em 157,4 mil hectares semeados. Quanto à produção, espera-se que sejam colhidas cerca de 619,5 mil toneladas, representando incremento de 4,3% em relação à safra 2019/20.

Em Mato Grosso, os trabalhos de colheita se encontram significativamente atrasados em relação ao ano passado. Enquanto há um ano, 57% da área de arroz primeira safra havia sido colhida, o percentual é de apenas 11,5% no final de março nesta safra. O atraso foi devido ao atraso no início das chuvas nesta temporada, que retardou todo o ciclo, bem como do excesso de precipitações, registrado em março, que afetou o andamento dos trabalhos. Com a redução das chuvas, a tendência é que a colheita ganhe força, com concentração de parcela significativa da área a ser colhida em abril.

Por causa do excesso de chuvas, a qualidade do produto tem se mostrado abaixo dos padrões e a umidade do grão superior ao limite ideal, de 19%. No entanto, com a diminuição esperada para as chuvas na primeira quinzena de abril, a qualidade do produto deve melhorar. De modo geral, a produtividade média estimada para a safra é bastante positiva, de 3.432 kg/ha, com os reflexos dos investimentos mais elevados e das condições climáticas favoráveis à cultura, de modo geral.

Mesmo com cotações próximas a R\$ 100 por saca de 60 quilos, registra-se que alguns produtores devem fazer a opção de não negociar sua produção de imediato, estocando o arroz para aguardar cotações ainda maiores nos próximos meses. Estima-se uma comercialização de 10,3% da produção nesta safra 2020/21.

Em Mato Grosso do Sul, como a semeadura do arroz no estado é realizada numa janela que inicia em julho e segue até início de fevereiro, há uma enorme variabilidade de condições de manejo e estádios da cultura no decorrer da safra. Até o momento, 73% da safra foi colhida, mas ainda 19% das lavouras estão em maturação, 6% em enchimento de grãos e 2% ainda em florescimento.

Nas áreas que ainda estão em produção, as boas chuvas de março, seguidas de calor, favoreceram o aparecimento da Brusone (*Pyricularia oryzae*), mas as aplicações preventivas de fungicidas foram eficientes, assim, não ocorreram problemas. A presença de arroz vermelho também tem demandado ações de eliminação da planta daninha para evitar perda da qualidade do produto colhido.

A produtividade média estadual está estimada em 6.540 kg/há, até o momento, gerando expectativas positivas aos produtores que, mesmo com o produto registrando baixa liquidez no mercado, segue com preços atrativos.

Em Goiás, a área de sequeiro se mantém estável (6 mil hectares) enquanto a área irrigada sofreu acréscimo (18,2 mil hectares) sob áreas de pivô central por questões de mercado, remunerando melhor os produtores e por questões de cultivares mais adaptáveis ao clima.

O arroz de sequeiro está em fase de maturação, correspondente a áreas de assentamentos rurais. A produção é pequena e destinada ao consumo próprio ou comercialização local. O rendimento atual é estimado em 1.800 kg/ha nestas áreas. Algumas áreas de sequeiro com melhor pacote tecnológico estão também na fase de maturação. A colheita se concentra em abril.

Quanto ao irrigado, a colheita ocorre de forma escalonada durante cinco meses aproximadamente. Os rendimentos são entre 5 e 6 mil kg/ha.

Na Região Sudeste, a intenção é de manter a área cultivada em 10 mil hectares, apresentando cultivo nos quatro estados, com maior concentração de área em São Paulo.

Em São Paulo, os trabalhos no campo para colher o arroz avançam e alcançam 75% das áreas no final de março e deve se encerrar nas próximas semanas. A produção, segundo informantes, está atingindo bons patamares e os informantes reportam boa produtividade da colheita e boas condições das lavouras em campo. As lavouras em campo estão majoritariamente em maturação. A partir da segunda metade de fevereiro, a colheita tende a acelerar o ritmo.

Em Minas Gerais, o plantio foi finalizado em dezembro, incluindo a semeadura das áreas em sequeiro e irrigadas. As áreas irrigadas são cultivadas em municípios com tradição de cultivo, com obtenção de produtividades mais elevadas. A estimativa total é de 1,6 mil hectares destinados ao cultivo do cereal nesta safra.

Na Região Sul, maior produtor nacional, o cultivo de arroz é quase que totalmente irrigado - apenas um percentual pequeno no Paraná é cultivado em sequeiro. A estimativa é de a área cultivada com o arroz na região seja de 1.117,3 mil hectares, representando manutenção em relação à safra anterior.

No Paraná, o arroz de sequeiro é uma cultura de pouca expressão econômica no estado, praticamente toda para subsistência. A área plantada aumentou em algumas regiões devido aos bons preços do cereal, mas no estado, como um todo, houve queda na área cultivada. A colheita se encerrou em algumas

regiões. A produtividade estimada é um pouco inferior à da safra passada devido ao déficit hídrico na fase de desenvolvimento.

Para o arroz irrigado, mais de 70% das áreas já foram colhidas, com um leve ajuste para baixo na produtividade, mas dentro da média histórica. As áreas ainda por colher estão em boas condições. Cerca de 20% do volume a ser colhido já foi comercializado.

Em Santa Catarina, a cultura do arroz está em fase final de colheita em grande parte dos municípios. Em que pese a cultura esteja nesta etapa e com a fenologia apropriada para colher, esta atrasou em razão das chuvas constantes em janeiro, onde as operações são 100% mecanizadas.

Na faixa Leste/Norte, as lavouras estão praticamente todas colhidas, cujo plantio ocorreu entre agosto e outubro de 2020 e se cultiva a soca do arroz após a colheita da safra principal. Embora se preconizava uma pequena perda de produtividade em razão do excesso de chuvas em janeiro, com incidência de brusone, percevejo e outros problemas fitossanitários, os tratamentos e aplicações de fungicidas/inseticidas foram generosos em face de boa remuneração do produto colhido, ou seja, segundo um informante de uma importante cooperativa do sul do estado, o pacote tecnológico foi aplicado em toda a sua extensão, favorecendo a fase final das lavouras e resultando neste último levantamento em uma alta na produtividade em relação ao levantamento anterior.

A área destinada ao cultivo de arroz sofreu redução em alguns municípios, principalmente em razão de avanço imobiliário no município de Tubarão, visto que em algumas cidades as lavouras estão localizadas às margens de rodovias e em área urbana. Um outro fator importante e preponderante para a perda de área na região de Tubarão é que: como o solo é orgânico

há um volume de água que entra nos tabuleiros, tornando-se passível de controle, assim, há a perda de área devido a um grande número de produtores que migraram para o plantio de soja, cujo objetivo principal é a necessidade de rotação de cultura, em face da grande infestação de arroz vermelho e a alta salinidade dos solos nestes campos de produção de arroz.

Ainda assim, considerando toda área produtora, as áreas destinadas ao plantio de arroz são muito semelhantes ao observado na última safra, em quase todos municípios, haja vista que o sistema de cultivo e o tipo de solo não permitem, em muitos casos, substituir esta cultura por outra.

Com março favorável à colheita, esta vem avançando rapidamente e os preços estão excelentes, em torno de R\$ 88,35 por saca, e não vêm caindo com o advento da colheita, e, mantendo-se as condições favoráveis de clima, espera-se uma safra dentro da normalidade e com boa remuneração ao orizicultor.

No Rio Grande do Sul, a colheita, iniciada ainda em fevereiro, com 4% da área, evoluiu para 38% em março, favorecida pelo tempo seco em boa parte do mês.

A baixa incidência de chuvas favoreceu a maturação das lavouras e o processo de colheita com o solo seco, o que tende a refletir positivamente na safra seguinte. No entanto, isso fez com que a colheita se concentrasse, também reflexo das condições climáticas ocorridas na semeadura, que permitiram que grande parte dos produtores semeassem dentro da janela preferencial, causando sobrecarga na infraestrutura de transporte, recebimento, beneficiamento e armazenamento em diversos locais, chegando, em casos extremos, a travar a colheita. Além disso, o retorno das chuvas justamente nesse momento crítico, tem causado perdas de

qualidade de grãos, seja por demora em colher lavouras prontas ou por molhamento de cargas em caminhões.

O restante das lavouras não colhidas está com 55% em maturação e 7% em enchimento de grãos. A grande proporção de lavouras em maturação deve continuar a causar congestionamento nas estruturas de pós-colheita.

De maneira geral, a produtividade e qualidade estão dentro do esperado. A produtividade das primeiras lavouras colhidas é mais alta e vem reduzindo gradativamente conforme se inicia a colheita daquelas semeadas mais para o final da janela preferencial. Ainda assim, a produtividade média será alta, situando-se bem próxima das melhores safras já registradas, com 8.166 kg/ha.

Algumas situações ocorridas no início do ciclo da cultura podem refletir-se agora na produtividade, como a falta de chuvas no período da emergência e estabelecimento, que obrigou os produtores a realizarem a irrigação intermitente e que resultou em lavouras com maior incidência de plantas invasoras.

A Planície Costeira Externa e Fronteira Oeste já superam 50% da área colhida, Campanha mais de 40%, e as demais de 30% a 40%, sendo a Zona Sul a mais atrasada, com 30%. A colheita deve se estender até maio.

QUADRO 2 - MONITORAMENTO AGRÍCOLA

Legenda – Condição hídrica

Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Arroz - Safra 2020/2021										
		AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN
RO	Leste Rondoniense				S/E	DV	DV/F	EG/M	M/C	C		
PA	Sudoeste Paraense				S/E	DV	DV/F	EG/M	M/C	C		
	Sudeste Paraense				S/E	DV	DV/F	EG/M	M/C	C		
TO**	Ocidental do Tocantins				S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C	
MA	Centro Maranhense						S/E	E/DV	DV/F	EG/M	M/C	C
MT	Norte Mato-grossense				S/E	DV	DV/F	EG/M	M/C	C		
PR**	Noroeste Paranaense		S	S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
SC**	Norte Catarinense	PS	S	S/E	E/DV	DV/F	EG/M	M/C	C			
	Vale do Itajaí	PS	S	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	C			
	Sul Catarinense		S	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	C			
RS**	Centro Ocidental Rio-grandense		PS	S	S/E	S/E/DV	DV/F	EG/M	M/C	C		
	Centro Oriental Rio-grandense		PS	S	S/E	S/E/DV	DV/F	EG/M	M/C	C		
	Metropolitana de Porto Alegre		PS	S	S/E	S/E/DV	DV/F	EG/M	M/C	C		
	Sudoeste Rio-grandense		S	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	C			
	Sudeste Rio-grandense		S	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	C			

Legenda: **irrigado

Fonte: Conab.

Nota: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.



Foto 3 – Arroz em Fátima do Sul

Fonte: Conab.

Para mais informações sobre o progresso da safra de arroz, [clique aqui](#).



FEIJÃO

ÁREA

2.972,8 mil ha
1,6%

PRODUTIVIDADE

1.106 kg/ha
0,2%

PRODUÇÃO

3.288 mil t
2,0%

Comparativo com safra anterior

Fonte: Conab

SUPRIMENTO

ESTOQUE INICIAL 269,8 mil t
PRODUÇÃO 3.288 mil t
IMPORTAÇÕES 120 mil t
3.677,8 mil t

DEMANDA

CONSUMO INTERNO 3.050 mil t
EXPORTAÇÕES 164 mil t
3.214 mil t

A cultura é considerada de ciclo curto e, por isso, apresenta uma vantagem para o produtor, que consegue adequar o seu plantio dentro de uma janela menor, sem ter que abrir mão da produção de outros grãos ainda no mesmo ano-safra. Nesse cenário, o Brasil possui três épocas distintas de plantio, favorecendo assim uma oferta constante do produto ao longo do ano. Dessa forma, tem-se o feijão de primeira safra semeado entre agosto e dezembro, o de segunda safra entre janeiro e abril e o de terceira safra, de maio a julho.

Nesta temporada 2020/21, o primeiro ciclo está com a colheita praticamente encerrada nos quase 918,8 mil hectares destinados à cultura pelo país (faltam pequenas áreas a serem colhidas em Santa Catarina e na Bahia). A produção esperada está na ordem de 1.018,8 mil toneladas, somando os feijões do tipo comum cores, comum preto e caupi. Tal estimativa indica redução de 7,9% em relação ao resultado obtido em 2019/20, especialmente pelas oscilações climáticas registradas ao longo do ciclo na Região Sul e na Bahia.

Com o início de 2021 veio a implantação das lavouras de feijão segunda safra. É um período importante para a cultura, pois direciona a maior

porção de área para tal cultivo, além de apresentar os maiores volumes de produção em comparação aos outros períodos (primeira e terceira safras). Atualmente, as operações de semeadura estão se encaminhando para conclusão e a perspectiva é de destinação de 1.457,4 mil hectares nesta segunda safra, com expectativa de obtenção de 1.447,9 mil toneladas do grão.

Assim, a perspectiva total para o feijão nesta temporada 2020/21, incluindo as estimativas de terceira safra, é de destinação de 2.972,8 mil hectares para o cultivo da cultura (considerando o feijão-comum cores, o feijão-comum preto e o feijão-caupi) e uma produção de 3.288 mil toneladas.

OFERTA E DEMANDA

FEIJÃO TOTAL

O estoque inicial da primeira safra, apesar de pequeno, está sendo suficiente para atender a demanda interna, até o momento. Fevereiro encerrou com um significativo volume de sobras de mercadorias devido ao baixo interesse de compras. Os comerciantes passaram a adquirir o mínimo necessário, apenas para honrar os seus compromissos, esperando por uma reação do setor varejista que anda muito devagar.

No Paraná, estado responsável por boa parte do abastecimento interno, as lavouras foram prejudicadas pelas condições climáticas adversas, ocasionando uma expressiva queda na produtividade e na qualidade do grão, mantendo os preços firmes.

A partir de meados de janeiro, com a intensificação da colheita em Minas

Gerais e Goiás, esperava-se que a oferta de mercadoria extra aumentaria, pressionando as cotações para baixo. Todavia, em Minas Gerais, as altas temperaturas registradas no final de janeiro e início de fevereiro de 2021, anteciparam em duas semanas o ciclo da cultura. A produtividade não foi afetada, mas o processo de colheita influenciou num expressivo número de “bandinhas” (grãos partidos), prejudicando a comercialização.

Essa situação provocou uma significativa alta nos preços a partir da primeira semana de fevereiro, com os produtores administrando ao máximo suas reservas, visando uma maior valorização do produto e, por outro lado, os compradores adquirindo apenas o suficiente para cumprir os pedidos.

Contudo, o excesso de mercadoria fraca e o desaquecimento das vendas no varejo deixaram, neste primeiro trimestre, certa fragilidade no mercado. O setor produtivo fica ainda mais enfraquecido com a estimativa de aumento de 10% na produção da segunda safra, na Região Centro-Sul do país, em comparação aos números registrados em 2020.

O mercado trabalha com um quadro de oferta muito ajustado, e os baixos estoques nas lavouras/indústrias e as incertezas do fator clima devem assegurar preços satisfatórios aos produtores, com estímulo em pedidas mais elevadas, até meados de abril. No entanto, a partir de maio a situação tende a se normalizar com o avanço das colheitas em todo o Brasil.

Em se tratando da balança comercial, a redução nas importações é reflexo, em parte, da forte valorização do dólar frente ao real. Em 2020 foram importadas cerca de 113,6 mil toneladas, isto é, 36 mil toneladas a menos que o montante recebido em 2019. A exportação, em que pese os elevados preços praticados no mercado interno, foi a maior da história, superando

em 12,6 mil toneladas a registrada em 2019.

Em seu sétimo levantamento, para acompanhamento da temporada 2020/21, a Conab estima uma produção de 3,28 milhões de toneladas. Esse volume representa um acréscimo de 2% em relação à registrada em 2019/20. Agora, com a redução do auxílio emergencial, a produção ajustada e preços em patamares elevados, a tendência é que o consumo interno retorne ao mesmo patamar de 2018/19, estimado em 3,05 milhões de toneladas.

Neste cenário, partindo-se do estoque inicial de 249,8 mil toneladas e o consumo em 3.05 milhões de toneladas, as importações em 100 mil toneladas e as exportações em 160 mil toneladas, o resultado será um estoque de passagem na ordem de 427,8 mil toneladas, volume que deverá contribuir para a manutenção da normalidade do abastecimento interno.

TABELA 7 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - FEIJÃO - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2014/15	303,8	3.210,2	156,7	3.670,7	3.350,0	122,6	198,1
2015/16	198,1	2.512,9	325,0	3.036,0	2.800,0	50,0	186,0
2016/17	186,0	3.399,5	137,6	3.723,1	3.300,0	120,5	302,6
2017/18	302,6	3.116,1	81,1	3.499,8	3.050,0	162,4	287,4
2018/19	287,4	3.017,7	149,6	3.454,7	3.050,0	164,0	240,7
2019/20	240,7	3.222,1	113,6	3.576,4	3.150,0	176,6	249,8
2020/21	Mar/21	269,8	3.273,6	100,0	3.643,4	3.050,0	433,4
	Abr/21	249,8	3.288,0	100,0	3.637,8	3.050,0	427,8

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2021.

Estoque de Passagem - feijão: 31 de dezembro.

ANÁLISE ESTADUAL - FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA

A primeira safra do ciclo 2020/21 está praticamente finalizada nas principais regiões produtoras, restando apenas algumas áreas a serem colhidas, especialmente na Bahia e em Santa Catarina.

De modo geral, as lavouras apresentaram condições consideradas oscilantes durante o desenvolvimento vegetativo. É importante ressaltar que no início do ciclo boa parte das regiões produtoras registraram chuvas abaixo do esperado e temperaturas acima da média, porém com o avançar dos dias, as condições passaram a ser mais favoráveis, apresentando chuvas mais constantes.

Já no final do ciclo, a preocupação maior foi com excesso de chuvas durante a maturação e a colheita, especialmente na Região Sul, bem como a restrição hídrica nas lavouras do Nordeste, principalmente na Bahia, em virtude do baixo volume pluviométrico registrado no centro e no extremo-oeste baiano.

Dessa forma, o volume final produzido deve ficar aquém daquele visualizado em 2019/20, principalmente em razão do impacto negativo causado pelas intempéries climáticas registradas na Região Sul e na Bahia e a sua influência nas produtividades das lavouras dessas localidades. Ao todo, são esperadas 1.018,8 mil toneladas colhidas, simbolizando decréscimo de 7,9% em relação à temporada passada.

FEIJÃO-COMUM CORES

Destacando alguns estados produtores de feijão-comum cores nesse primeiro período da safra, Minas Gerais apresentou aumento de área plantada em comparação a 2019/20 e isso ajudou a potencializar a produção final, que chegou a 208,1 mil toneladas de feijão-comum cores

(incremento de 16,6% em relação à temporada passada). De forma geral, as lavouras demonstraram bom desenvolvimento e permaneceram com condições consideradas entre regulares e boas ao longo do ciclo.

Em São Paulo foram 50,1 mil hectares semeados com o feijão-comum cores nessa primeira safra, alcançando uma produção de pouco mais de 110,2 mil toneladas. A região sudoeste do estado concentra a maior parte dessa produção (majoritariamente irrigado) e, tradicionalmente, antecipa seu plantio para garantir uma oferta do produto em um período de entressafra, obtendo assim preços mais atrativos. Vale registrar a ocorrência de estiagem em parte do ciclo, reduzindo assim o potencial produtivo esperado para a cultura.

No Paraná, a colheita está recém-finalizada, depois de certo atraso nas operações devido ao excesso de chuvas. O ciclo ficou caracterizado pelas oscilações climáticas, apresentando estiagem no início do desenvolvimento e com a proximidade das fases finais, os altos índices pluviométricos deram a tônica e prejudicaram a qualidade e o rendimento dos grãos. No geral, houve redução na produtividade média e no volume total obtido em comparação a 2019/20, ficando em 1.615 kg/ha e 72 mil toneladas, variações de 19,7% e 21,8%, respectivamente.

Em Santa Catarina, assim como no Paraná, o excesso de chuvas recente teve impacto sobre o ritmo de colheita. Até o fim de fevereiro apenas 15% dos 11,7 mil hectares semeados haviam sido colhidos. A qualidade do produto obtido é considerada satisfatória, e o rendimento médio estimado é superior àquele apresentado na temporada passada. No entanto, a expressiva redução de área plantada nesse ciclo deve condicionar o resultado final, com perspectiva de diminuição de 27,4% em relação à safra anterior, chegando a 24,1 mil toneladas.

No Rio Grande do Sul houve aumento de área semeada com o feijão-comum cores nessa primeira safra em comparação a 2019/20, chegando a 12,5 mil hectares plantados. O rendimento médio também ficou acima do obtido na temporada anterior, especialmente pelas melhores condições climáticas registradas nesse exercício (que ainda assim apresentou oscilações). No geral, a produção alcançou cerca de 30 mil toneladas, representando incremento de 66,7% ao resultado de 2019/20.

Na Bahia, o cultivo do feijão primeira safra é considerado mais tardio que no Centro-Sul do país. Dessa forma, a colheita ainda está em fase inicial nos 54 mil hectares semeados com o feijão-comum cores nesse período. As lavouras sofreram bastante com a escassez de chuvas durante parte do ciclo, e essa restrição hídrica deve impactar diretamente no rendimento médio e na produção final obtidas. Atualmente, a estimativa é de redução de 71,1% no volume total em comparação ao resultado alcançado em 2019/20, perfazendo assim 12,3 mil toneladas.

Em Goiás, o manejo do feijão-comum cores nesse período é majoritariamente irrigado, alcançando bons rendimentos médios. Nesta safra, as lavouras apresentaram desenvolvendo considerado regular, sendo afetadas, em algum momento, pela escassez de precipitações. Assim, a produtividade média ficou abaixo daquela alcançada em 2019/20, porém foi compensada pelo importante aumento de área plantada visualizada nesse exercício. Ao todo, a produção foi superior à temporada passada, chegando a 110,4 mil toneladas.

Outras Unidades da Federação que se destacam na produção do feijão-comum cores na primeira safra são: Distrito Federal, Pará, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

FEIJÃO-COMUM PRETO

A Região Sul foi responsável por mais de 92% das áreas plantadas com o feijão-comum preto nesta primeira safra de 2020/21. O Paraná ficou como grande destaque, com cerca de 106,7 mil hectares destinados ao cultivo do produto neste ciclo. A colheita está concluída, e tanto a produtividade média como a produção obtida foram inferiores à da temporada passada. Essa redução no rendimento das lavouras é explicada pela estiagem ocorrida no início do ciclo da cultura e pelo excesso de chuvas registrado entre dezembro de 2020 e janeiro de 2021. Esse excesso hídrico, além de ter atrasado a colheita também comprometeu a qualidade do grão, visto que algumas lavouras nem foram colhidas devido à baixa qualidade dos grãos e à baixa produtividade. A forte quebra de safra tem favorecido a manutenção dos preços bem altos, inclusive superiores aos preços pagos pelo feijão-comum cores - algo que raramente ocorre.

No Rio Grande do Sul, a colheita do feijão-comum preto nessa primeira safra está encerrada nos quase 26,8 mil hectares semeados. De maneira geral, as condições climáticas no início do ciclo, com registro de temperaturas mais elevadas e chuvas abaixo do esperado, impactaram no potencial produtivo, especialmente naquelas lavouras de plantio mais precoce. Além disso, o excesso de precipitações nas fases fenológicas derradeiras também prejudicou o rendimento e a qualidade dos grãos. Dessa forma, houve redução na produção em comparação à temporada passada, ficando em 26,4 mil toneladas, diminuição de 28,5% em relação a 2019/20.

Em Santa Catarina foram semeados cerca de 19,1 mil hectares, representando aumento de 9,6% na área plantada em relação a 2019/20. Porém, as oscilações climáticas registradas ao longo do ciclo

têm influenciado no potencial produtivo da cultura. Inicialmente, o desenvolvimento das lavouras ficou marcado pela escassez de precipitações, especialmente no oeste do estado, que tem um plantio mais precoce do que outras regiões. Já próximo do final do ciclo, as chuvas ocorreram em níveis além do esperado, prejudicando aquelas lavouras que estavam em fase de maturação e reduzindo seu potencial produtivo e a sua qualidade. No geral, a colheita está finalizando, alcançando 96% da área total até o fim de março. A previsão é de redução no volume total obtido em comparação à temporada passada. Deverão ser 29,5 mil toneladas produzidas, 21,1% menor que no exercício anterior, particularmente em virtude da queda no rendimento médio decorrente das oscilações climáticas.

Além da Região Sul, vale ressaltar o cultivo do feijão-comum preto nesse período em Minas Gerais, Espírito Santo, Distrito Federal e Rio de Janeiro, mesmo que em áreas menores.

FEIJÃO-CAUPI

Esse é um tipo de feijão que apresenta rusticidade bastante elevada, especialmente em relação à demanda hídrica, adaptando-se bem às condições de menor disponibilidade de água. Por isso, sua maior representatividade é na Região Nordeste e em áreas com características mais áridas no Centro-Oeste e no Sudeste, particularmente em Mato Grosso e Minas Gerais, respectivamente. Ao todo, foram semeados mais de 389,3 mil hectares com a cultura nesta primeira safra, com estimativa de produção na ordem de 164,9 mil toneladas.

Os maiores destaques nesse período ficam por conta do cultivo no Piauí e na Bahia, que, juntos, representam mais de 86% da área estimada para

o plantio do feijão-caupi em todo o país. No primeiro estado foram quase 202,5 mil hectares destinados à semeadura da cultura. Já no segundo, cerca de 136 mil hectares plantados. O clima no começo do ciclo se apresentou favorável, mas nas últimas semanas a incidência pluviométrica ficou aquém do esperado em alguns pontos, impactando no potencial produtivo da cultura. De maneira geral, houve redução no volume total obtido quando comparado ao resultado de 2019/20, ficando 10,2% inferior ao resultado daquela temporada.

QUADRO 3 - MONITORAMENTO AGRÍCOLA

Legenda - Condição hídrica													
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas						
			Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas						
			Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas						
UF	Mesorregiões	Feijão primeira safra - Safra 2020/2021											
		JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN
PI	Centro-Norte Piauiense							S/E	S/E/DV	DV/F	EG/M	M/C	
	Sudoeste Piauiense						S/E	E/DV/F	DV/F	EG/M	M/C	C	
	Sudeste Piauiense							S/E/DV	S/E/DV	DV/F	EG/M	M/C	
BA	Extremo Oeste Baiano				S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C		
	Vale São-Franciscano da Bahia						S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C
	Centro Norte Baiano						S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C
	Centro Sul Baiano						S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C
MT**	Sudeste Mato-grossense				S/E	DV	F	EG/M/C	M/C				
	Norte Mato-grossense				S/E	DV/F	F/EG	M/C	C				
GO	Leste Goiano				S/E	DV/F	EG/M	M/C	C				
	Sul Goiano				S/E	DV/F	EG/M	M/C	C				
	Norte Goiano				S/E	E/DV	F/EG	EG/M	M/C				
DF	Distrito Federal				S/E	DV/F	EG/M	M/C	C				
MG	Noroeste de Minas				S/E	S/E/DV	F/EG	EG/M/C	C				
	Norte de Minas					S/E	S/E/DV	F/EG	M/C	C			
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba				S/E	S/E/DV	F/EG	EG/M/C	C				
	Oeste de Minas				S/E	S/E/DV	F/EG	EG/M/C	C				
	Sul/Sudoeste de Minas				S/E	S/E/DV	F/EG	EG/M/C	C				
	Campo das Vertentes				S/E	S/E/DV	F/EG	EG/M/C	C				
SP**	Zona da Mata				S/E	S/E/DV	F/EG	EG/M/C	C				
	Bauru	PS	S/E	DV/F	EG	EG/M	M/C	C					continua
	Assis	S/E	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C						
	Itapetininga	S/E	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C						

Legenda – Condição hídrica

 Favorável	 Baixa Restrição - Falta de Chuva	 Baixa Restrição - Excesso de Chuva	 Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	 Média Restrição - Falta de Chuva	 Média Restrição - Excesso de Chuva	 Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	 Alta Restrição - Falta de Chuva	 Alta Restrição - Excesso de Chuva	 Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Feijão primeira safra - Safra 2020/2021											
		JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN
PR	Norte Central Paranaense			S/E/DV	DV/F	EG/M	M/C	C					
	Norte Pioneiro Paranaense			S/E/DV	DV/F	EG/M	M/C	C					
	Centro Oriental Paranaense			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	M/C	C				
	Oeste Paranaense			S/E/DV	DV/F	EG/M	M/C	C					
	Sudoeste Paranaense			S/E/DV	E/DV	F/EG	EG/M	M/C	C				
	Centro-Sul Paranaense			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	M/C	C				
	Sudeste Paranaense			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	M/C	C				
	Metropolitana de Curitiba			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	M/C	C				
SC	Oeste Catarinense			S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Norte Catarinense			S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Serrana			S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C			
RS	Noroeste Rio-grandense			S/E	S/E/DV	DV/F	EG/M/C	C					
	Nordeste Rio-grandense			S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C			
	Metropolitana de Porto Alegre			S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	C				

Legenda: **parte irrigado

Fonte: Conab.

Nota: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

ANÁLISE ESTADUAL - FEIJÃO SEGUNDA SAFRA

FEIJÃO-COMUM CORES

A segunda safra de feijão-comum cores está em andamento, com o plantio da cultura se consolidando nas principais regiões produtoras.

Neste momento, a projeção é de diminuição na área total plantada, ficando em 384,4 mil hectares, distribuídos em todas as regiões brasileiras, com destaque para o cultivo no Sudeste e Sul do país.

A seguir apresentamos a situação atual de alguns estados produtores da

cultura no período:

Em Rondônia, a semeadura está em andamento, alcançando cerca de 42% da área prevista efetivamente plantada até o fim de março. A perspectiva é que em abril as operações sejam finalizadas, totalizando 3,9 mil hectares cultivados. As lavouras já implantadas estão em fase de desenvolvimento vegetativo e dispõem de boas condições edafoclimáticas, até o momento.

Na Paraíba, o plantio do feijão-comum cores segunda safra está em fase inicial, com expectativa de destinação de 23,3 mil hectares para tal cultivo. Essa área semeada coloca o estado como aquele que dispensa a maior quantidade de área para a produção da cultura na segunda safra dentro da Região Nordeste, no entanto, o rendimento é considerado baixo, por se tratar, majoritariamente, de um sistema produtivo de baixa tecnificação, destacando-se entre os pequenos produtores.

Na Bahia, a semeadura do feijão de segunda safra está um pouco além da metade da área prevista, que é de 11 mil hectares. O sistema de manejo é predominantemente irrigado e a concentração maior desse cultivo está localizada no extremo-oeste baiano.

Em Mato Grosso, a semeadura do feijão-comum cores nessa segunda safra está em fase final, devendo confirmar a expectativa de redução na destinação de área para o plantio em virtude do atraso no ciclo da soja e a menor janela disponível para o cultivo das culturas de segunda safra. Existe a perspectiva por parte de alguns produtores em optar pelo plantio de outras culturas nesse momento e semear o feijão-comum cores mais adiante, no período de terceira safra. Dessa forma, a estimativa para essa segunda safra é de destinação de 24,1 mil hectares (diminuição de 41,3% em comparação à área semeada em 2019/20). As lavouras implantadas

estão em fase de desenvolvimento vegetativo e apresentam boas condições, até o momento.

Em Minas Gerais, a perspectiva é de aumento na destinação de área para o plantio do feijão-comum cores nessa segunda safra, se comparado ao visualizado em 2019/20. As operações de semeadura ainda estão em andamento, alcançando cerca de 65% dos 125,7 mil hectares previstos para o cultivo da cultura nessa temporada.

No Paraná, a semeadura do feijão-comum cores está praticamente finalizada, restando poucas áreas a ser semeadas em alguns pontos do estado. Há um atraso em relação ao período ideal de plantio e isso preocupa alguns produtores, pois os dias frios do outono podem prejudicar o desenvolvimento das lavouras. Houve aumento significativo na área total em relação às primeiras estimativas devido ao bom preço pago ao produtor atualmente. A produtividade estimada é superior à safra passada, que sofreu com a maior escassez de chuva da história, mas está dentro da média histórica. As condições das lavouras estão variadas. Como as chuvas vêm ocorrendo de maneira isolada e irregular, mais de 20% das lavouras estão classificadas como regulares ou ruins devido ao déficit hídrico em algumas localidades. O restante das lavouras se desenvolveu bem em março, com temperaturas quentes durante o dia, mas amenas à noite. No geral, são cerca de 117,2 mil hectares semeados com a cultura nesse ciclo, representando aumento de 3,9% em comparação a 2019/20.

FEIJÃO-COMUM PRETO

O feijão-comum preto é o terceiro mais cultivado durante a segunda safra. Para essa temporada, a estimativa é de acréscimo na área cultivada em relação a 2019/20, podendo alcançar 188,6 mil hectares. O maior destaque

fica por conta da produção no Sul do país, especialmente no Paraná, que deve representar mais de 70% da área total semeada no Brasil.

Na Paraíba, a cultura é explorada em poucos municípios e a área destinada ao seu plantio deve diminuir em comparação à safra passada (3,8% menor), ficando em 1,9 mil hectares. As operações de semeadura estão em fase inicial e se intensificarão em abril.

Em Minas Gerais, o cultivo do feijão-comum preto se concentra nas regiões da Zona da Mata, Central e Rio Doce. A área estimada para essa safra é de 6,4 mil hectares. O processo de plantio está diretamente relacionado à colheita das culturas de primeira safra, especialmente a soja e o milho e, por enquanto, ainda está em execução.

No Paraná, confirmou-se a expectativa inicial de aumento na área plantada em comparação à temporada anterior em razão dos melhores preços pago pelo grão nesse ciclo. Ao todo foram 133,7 mil hectares semeados com o feijão-comum preto nesta segunda safra. Tal valor simboliza aumento de 22,4% em relação ao total cultivado em 2019/20. As operações de semeadura estão finalizadas e as lavouras apresentam estádios distintos de desenvolvimento. O atraso no plantio traz preocupação aos produtores em relação ao ciclo da cultura e a sua persistência no campo durante os dias frios do outono/inverno, que costumam ser rigorosos nessas regiões de produção. Atualmente, algumas áreas registraram déficit hídrico, impactando nas condições das lavouras. Cerca de 15% delas estão consideradas em condições regulares ou ruins.

Em Santa Catarina, o plantio do feijão-comum preto de segunda safra está finalizado, com confirmação de aumento na área semeada em comparação a 2019/20. Foram cerca de 27,1 mil hectares destinados a tal

cultivo, uma vez que as lavouras estão, predominantemente, em fase de desenvolvimento vegetativo e floração. As condições fitossanitárias são consideradas boas, até o momento, mas há preocupação quanto ao clima e à possibilidade de estiagem ao longo do ciclo.

No Rio Grande do Sul, a semeadura está finalizada e em algumas regiões que plantaram mais precocemente, a colheita já começou. Ao todo, foram 18,8 mil hectares destinados ao cultivo do feijão-comum preto nessa segunda safra. Os preços pagos pelo produto são considerados atrativos, mas as oscilações climáticas, especialmente em relação à escassez de precipitações em algumas localidades durante o ciclo, podem impactar o potencial produtivo da cultura.

FEIJÃO-CAUPI

Na Paraíba, a cultura tem grande relevância, principalmente por sua rusticidade, fazendo com que regiões de clima mais árido consigam produzir em quantidade satisfatória. Com isso, o cultivo é bastante pulverizado pelo estado, e a estimativa para essa temporada é de destinação de 70,8 mil hectares de feijão-caupi.

Na Bahia, o cultivo do feijão-caupi de segunda safra ocorre após a colheita da soja, e, até o fim de março, já atingia mais de 75% dos 35 mil hectares previstos efetivamente semeados. O manejo da cultura é realizado em condições de sequeiro e se concentra, majoritariamente, no extremo-oeste do estado. As condições climáticas registradas no período de implantação das lavouras estão irregulares, mas as lavouras seguem seu desenvolvimento.

Em Mato Grosso, a perspectiva de aumento na área semeada com feijão-

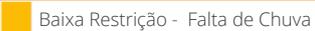
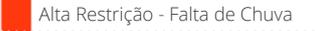
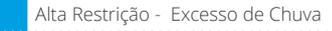
caupi segunda safra em comparação a 2019/20 tem se confirmado, à medida que ocorre o progresso do plantio. Estima-se área de 152,8 mil hectares, salto de 28,8% em relação aos 118,6 mil hectares plantados na temporada passada. O atraso no ciclo da soja e o consequente encurtamento da janela para a semeadura das culturas de segunda safra favoreceram o feijão-caupi, que é reconhecidamente mais rústico e com menor risco climático. Além disso, os bons preços pagos pela leguminosa e a demanda aquecida pelo produto também representam fatores que têm impulsionado a opção pela cultura. Registra-se atraso significativo nos trabalhos de plantio, que se restringem a 52,6% de sua área total prevista, com projeção de extensão dos trabalhos até meados de abril.

QUADRO 4 - MONITORAMENTO AGRÍCOLA

Legenda - Condição hídrica												
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas					
			Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas					
			Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas					
UF	Mesorregiões	Feijão primeira safra - Safra 2020/2021										
		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV
MA	Oeste Maranhense				PS	S/E	DV/F	EG/M	M/C			
	Centro Maranhense				PS	S/E	DV/F	EG/M	M/C			
	Sul Maranhense				PS	S/E	DV/F	EG/M	M/C			
CE	Noroeste Cearense		S/E	DV/F	EG	M/C	C					
	Norte Cearense		S/E	DV/F	EG	M/C	C					
	Sertões Cearenses		S/E	DV/F	EG	M/C	C					
MS	Sudoeste de Mato Grosso do Sul		SS	S/E	DV/F	F/EG	EG/M	M/C				
MT	Norte Mato		S/E	DV/F	EG	M/C	C					
	Nordeste Mato		S/E	DV/F	EG	M/C	C					
	Sudeste Mato		S/E	DV/F	EG	M/C	C					
GO	Noroeste Goiano		S/E	DV/F	EG	M/C	C					
	Norte Goiano		S/E	DV/F	EG	M/C	C					
	Leste Goiano		S/E	DV/F	EG	M/C	C					
	Sul Goiano		S/E	DV/F	EG	M/C	C					

continua

Legenda – Condição hídrica

 Favorável	 Baixa Restrição - Falta de Chuva	 Baixa Restrição - Excesso de Chuva	 Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	 Média Restrição - Falta de Chuva	 Média Restrição - Excesso de Chuva	 Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	 Alta Restrição - Falta de Chuva	 Alta Restrição - Excesso de Chuva	 Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Feijão primeira safra - Safra 2020/2021										
		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV
MG	Noroeste de Minas		S/E	DV	DV/F	F/EG	M/C					
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba		S/E	DV	DV/F	F/EG	M/C					
	Central Mineira		S/E	DV	DV/F	F/EG	M/C					
	Vale do Rio Doce		S/E	DV	DV/F	F/EG	M/C					
	Oeste de Minas		S/E	DV	DV/F	F/EG	M/C					
	Sul/Sudoeste de Minas		S/E	DV	DV/F	F/EG	M/C					
	Campo das Vertentes		S/E	DV	DV/F	F/EG	M/C					
ES	Zona da Mata		S/E	DV	DV/F	F/EG	M/C					
	Central Espírito-Santense		S/E	DV	DV/F	M/C	C					
SP	Campinas		S/E	DV/F	EG	EG/M	M/C					
	Assis		S/E	DV/F	EG	EG/M	M/C					
	Itapetininga		S/E	DV/F	EG	EG/M	M/C					
PR	Norte Central Paranaense	S/E	DV	DV/F	EG	EG/M	M/C					
	Norte Pioneiro Paranaense	S/E	DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	C					
	Centro Oriental Paranaense	S/E	DV	DV/F	EG/M/C	M/C	C					
	Oeste Paranaense	S/E	DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	C					
	Sudoeste Paranaense	S/E	DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	C					
	Centro-Sul Paranaense	S/E	DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	C					
	Sudeste Paranaense	S/E	DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	C					
	Metropolitana de Curitiba	S/E	DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	C					
SC	Oeste Catarinense		S/E/DV	F/EG	F/EG/M	M/C	C					
	Norte Catarinense		S/E/DV	F/EG	F/EG/M	M/C	C					
	Sul Catarinense		S/E/DV	F/EG	F/EG/M	M/C	C					
RS	Noroeste Rio-grandense	S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	M/C	C					

Fonte: Conab.

Nota: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

ANÁLISE ESTADUAL - FEIJÃO TERCEIRA SAFRA

A implantação das lavouras ainda não começou, no entanto, a intenção de plantio demonstra expansão na área semeada em comparação à temporada anterior. São esperados cerca de 596,6 mil hectares destinados ao cultivo de feijão nesse terceiro período da safra, com distribuição dessas

áreas por todas as regiões do país.



Foto 4 – Feijão Caupi em Tabuleiro do Norte - CE

Fonte: Conab.

Foto 5 – Lavoura de feijão caupi 2ª safra em São Desidério - BA



Fonte: Conab.



Foto 6 – Feijão caupi em Brejo Santo - CE

Fonte: Conab.



Foto 7 – Feijão caupi em Morada Nova - CE

Fonte: Conab.

Foto 8 – Feijão preto 2ª safra em Colorado - RS



Fonte: Conab.



Foto 9 – Feijão em Alto Santo - CE

Fonte: Conab.



MILHO

ÁREA

19.717,5 mil ha

6,4%

PRODUTIVIDADE

5.526 kg/ha

0,2%

PRODUÇÃO

108.965,6 mil t

6,2%

Comparativo com safra anterior

Fonte: Conab

SUPRIMENTO

ESTOQUE INICIAL 10.602,4 mil t

PRODUÇÃO 108.965,6 mil t

IMPORTAÇÕES 1.000 mil t

120.568 mil t

DEMANDA

CONSUMO INTERNO 72.149,9 mil t

EXPORTAÇÕES 35.000 mil t

107.149,9 mil t

Apesar das incertezas relacionadas ao clima, particularmente nos meses vindouros, decisivos para a constituição da segunda safra de milho, as perspectivas para a produção brasileira do cereal na temporada 2020/21 se mostram otimistas. A colheita do milho verão, nas Regiões Centro e Sul do país, vem ocorrendo numa velocidade acima dos 57% de média dos últimos cinco anos, não sendo maior em virtude da momentânea concorrência com a soja.

Na última semana de março, já havia 91,7% da área semeada das lavouras de milho segunda safra, perante 96,2% no mesmo período da safra passada. Houve a intensificação do plantio das lavouras no mês de março, o qual estava atrasado em razão dos problemas sequenciais provocados pelo clima, observados no planejamento operacional das lavouras.

Os dados relacionados à terceira safra do cereal, cujo plantio terá início a partir de maio, continuará recebendo os estímulos das cotações ora praticadas, estando previsto para aquela etapa, a continuidade no crescimento da produção.

Na consolidação das três safras, o cenário atual aponta para uma produção recorde, atingindo 108.965,6 mil toneladas de milho, com destaque, apesar

das incertezas do clima, para o volume previsto acontecer na segunda safra, que irá representar 75% desse total.

OFERTA E DEMANDA

Para a safra 2020/21, a companhia apresenta nova expectativa de produção total de milho. É esperado uma produção total de 109 milhões de toneladas, ou seja, aumento de 6,3% em relação à safra 2019/20. Esse ajuste ocorre diante de uma expectativa de aumento de 10,1% da produção de milho de segunda safra, volume suficiente para compensar as perdas por motivos climáticos observadas na primeira safra na Região Sul. Cabe destacar que a Conab acredita que a safra de verão de milho no ano-safra em curso apresentará uma queda de 4,6%, comparada ao período imediatamente anterior. Isso posto, é imperioso destacar que a queda da produção de milho durante a safra de verão deverá causar uma maior escassez do grão enquanto a safrinha não é colhida, apesar do aumento da produção total do cereal.

A Conab manteve inalteradas suas projeções de consumo do grão em 72,2 milhões de toneladas, também manteve inalteradas suas estimativas de comércio internacional, de maneira que a previsão de importação e exportação de grãos de milho deverá ser de um milhão de toneladas e 35 milhões de toneladas, respectivamente, para a safra 2020/21.

O estoque final esperado em 2020/21 deverá ser de 13,4 milhões de toneladas, aumento de 26,6% em relação à safra anterior. O ajuste é explicado pelo aumento da produção total de milho em montante superior ao aumento esperado para consumo agregado.

TABELA 8 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - MILHO - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL	
2014/15	12.158,1	84.672,4	315,4	97.145,9	56.483,3	30.131,3	10.531,3	
2015/16	10.531,3	66.530,6	3.336,2	80.398,1	56.319,1	18.847,3	5.231,7	
2016/17	5.231,7	97.842,8	952,5	104.027,0	57.337,3	30.813,1	15.876,6	
2017/18	15.876,6	80.709,5	900,7	99.203,1	59.162,0	23.742,2	14.582,1	
2018/19	14.582,1	100.042,7	1.596,4	116.221,2	64.957,8	41.074,0	10.189,4	
2019/20	10.189,4	102.515,0	1.453,4	114.157,8	68.662,5	34.892,9	10.602,4	
2020/21	Mar/21	10.602,4	108.068,7	1.000,0	119.671,1	72.149,9	35.000,0	11.757,1
	Abr/21	10.602,4	108.965,6	1.000,0	120.568,0	72.149,9	35.000,0	13.418,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2021.

Estoque de Passagem: 31 de Janeiro.

AVALIAÇÃO POR ESTADO

MILHO PRIMEIRA SAFRA – 2020/21

O atraso das precipitações ocorrido nas principais regiões produtoras do país desempenhou importante influência no desenvolvimento das lavouras do milho primeira safra. Com o plantio mais tardio, todo o ciclo e a estratégia produtiva foi alterada, provocando modificações no planejamento acerca do tamanho da área e até sobre quais lavouras produzir.

A área plantada, em linha com um movimento já observado nas últimas temporadas, apresentou crescimento de 2,5%, saindo de 4.235,8 mil hectares no ano passado para 4.343,5 mil nesta safra. Esse movimento não foi suficiente para compensar os efeitos do clima, com a produção brasileira do milho primeira safra apresentando forte redução, atingindo 24.512,9 mil toneladas, queda de 4,6% em comparação ao volume produzido no período 2019/20.

Na Região Norte/Nordeste houve incremento na área plantada de 5,4% do cereal, estimada em 1.397,7 mil hectares. A produção registrou, até o momento, redução de 3,3%, atingindo 5.746,9 mil toneladas.

Em Tocantins, foi informado que em algumas regiões o cereal já está sendo colhido. Neste levantamento estimou-se uma redução na área semeada de 1,8% em relação à safra anterior. Houve regiões em que os produtores optaram pelo plantio mais tardio da cultura, aguardando uma melhor regularidade das chuvas.

No Piauí, a área de milho apresentou redução de 1,6% em relação à safra passada, atingindo 428,5 mil hectares. Essa redução está relacionada à substituição do milho pela soja no sudoeste piauiense. O início do plantio ocorreu em dezembro, na região sudoeste piauiense, e foi encerrada no final de janeiro, na região norte. As fases da lavoura apresentam a seguinte distribuição: cerca de 6% em floração, 55% em enchimento de grãos e 39% em maturação. As lavouras com estágio de desenvolvimento mais avançado estão no sudoeste piauiense, onde o plantio ocorreu primeiro.

Na Bahia, o crescimento do cultivo foi fortemente influenciado pela alta nas cotações. No entanto, a irregularidade das chuvas, em dezembro e janeiro, afetou a produtividade nas regiões centro-sul e centro-norte.

No extremo-oeste, o crescimento da área com o cereal ocorreu sob áreas de cultivo do algodão. Com as chuvas em fevereiro e março, as lavouras de milho, que estavam em sua maior parte nas fases de enchimento de grãos e maturação, apresentaram, a partir daí, excelentes características fenológicas.

No centro-norte, as lavouras plantadas em outubro e novembro já foram

colhidas, apresentando perdas acentuadas, com algumas áreas sendo utilizadas para silagem ou usadas como área de pastejo. A colheita das lavouras em melhores condições será iniciada em abril, mesmo assim com expectativas de baixa produtividade. No centro-sul a maior parte das lavouras não suportou a estiagem do início do ano. Além disso, as chuvas de fevereiro ocorreram tardiamente, frustrando as expectativas de recuperação.

Na região centro-sul, a área plantada apresentou incremento de 1,2% em relação ao ano passado, atingindo 2.945,8 mil hectares. A produção é esperada atingir 18.766 mil toneladas, redução de 5% em relação à safra passada.

Em Mato Grosso, o milho de primeira safra se encontra em processo de colheita, com 20,4% da área finalizada até março. O rendimento médio previsto é de 8.398 kg/ha, reflexo das condições do clima e dos investimentos elevados realizados nas lavouras, que deverá resultar na produção estadual de 438,4 mil toneladas, 26,9% superior às 345,6 mil toneladas colhidas na safra passada.

Registra-se também o aumento de área, na ordem de 26,7%, com elevação de 41,2 mil hectares para 52,2 mil hectares, como resultado do cenário mercadológico, oferta restrita e demanda firme. Diferentemente dos anos anteriores, em que a produção do milho primeira safra era destinada quase que integralmente para consumo nas propriedades rurais, tendo como finalidade a alimentação animal, neste ano, registrou-se também direcionamento de parte dessa produção para usinas de etanol, que fomentaram o plantio de variedades específicas para moagem industrial.

Em Goiás, a colheita foi iniciada na região sul e parte da produção teve

como destino as usinas de etanol. Na região leste foram feitos relatos pontuais de tombamento de lavouras, provocado por temporais em áreas prontas para o início da colheita. Boa sanidade das lavouras, com relatos de poucos ataques de pragas. Nas demais áreas, a previsão de colheita se dará em abril, com expectativas de produtividades superando 8.300 kg/ha.

Em São Paulo, as chuvas regulares, a partir de dezembro, permitiram que as lavouras apresentassem desenvolvimento favorável, com expectativas de boa produtividade. Tal cenário é válido para o milho plantado após a colheita do feijão, como também para as lavouras plantadas anteriormente. Estima-se que 60% da área já tenha sido colhida.

Em Minas Gerais, a safra de milho verão teve sua evolução atrasada, com as lavouras apresentando desempenho bastante heterogêneo. Existem áreas com milho desde o desenvolvimento de grãos a áreas com milho em maturação e colhido. Apesar da área plantada ter sido bastante superior à passada, com incremento de 13,7%, existe o receio de que os níveis de produtividades não sejam favoráveis, dados que serão confirmados nos próximos levantamentos, com o avanço da colheita. Os estágios das lavouras se apresentam com 70% em maturação e 30% colhido.

No Paraná mais de 90% da área já está colhida, devendo ser ressaltado que os produtores priorizam a colheita da soja, visando ao plantio do milho segunda safra. A produtividade foi revisada para baixo, essa redução é atribuída ao ataque de cigarrinhas, e, em menor escala, por conta do déficit hídrico e falta de luminosidade.

Em Santa Catarina, após o anúncio em fevereiro de quebra importante na produtividade, as estimativas têm apresentado melhoras, à medida que a colheita vai avançando, com as áreas sendo fechadas e a produtividade

real se revelando melhor que o esperado. A região oeste apresentou os piores rendimentos, seguida pela região meio oeste e os planaltos norte e sul, com menores quebras. Ainda assim, na média, a quebra de produtividade em relação à safra anterior deve ser de 24,3%, alcançando apenas 6.265 kg/ha, bem abaixo dos 8.273 kg/ha obtidos em 2020. A produção total deve recuar 21,9% e alcançar 2.170,2 mil toneladas. A frustração de safra tem dificultado o cumprimento dos contratos realizados de venda antecipada de milho por parte dos produtores, especialmente aqueles que sofreram as maiores quebras de produtividade.

As cooperativas têm repactuado os contratos para pagamento na colheita da próxima safra. Alguns produtores também têm tentado renegociar contratos fechados a um preço muito baixo para a saca de milho, porém esse pleito não deve ser atendido pelas contrapartes. As dificuldades enfrentadas pelos produtores nesta safra poderão fazer com que o interesse pela cultura no próximo ano agrícola seja menor.

No Rio Grande do Sul, as condições meteorológicas de março permitiram o avanço da colheita, que passou de 45% em fevereiro para 70% agora. A sequência de dias secos permitiu a entrada das máquinas e a adequada secagem das plantas. O retorno das chuvas, mais para o final do mês, por outro lado, favoreceu as lavouras que ainda estão em enchimento de grãos, que correspondem hoje a 10% da área. Cerca de 17% da área se encontra em maturação e 3% em floração. Como é normal, devido ao calendário de semeadura, as lavouras em floração e enchimento se concentram no planalto superior ou na sucessão fumo-milho, das regiões produtoras de fumo – sul e central – onde a colheita já atinge 20% e 45%, respectivamente.

Considerando todo o estado, as lavouras semeadas no início da primavera e que foram colhidas em dezembro e janeiro, foram as mais atingidas pela estiagem de setembro e novembro. Nesses casos, as perdas chegaram na casa dos 60% na fronteira oeste. Quanto mais tarde a semeadura ocorreu menor foram as perdas pela falta d'água, o que fez com que as lavouras colhidas em fevereiro e, principalmente, em março, tivessem uma condição de produtividade bem superior.

A estiagem também causou uma situação bastante interessante. Muitas lavouras que inicialmente seriam destinadas à produção de grãos foram ensiladas ou abandonadas, causando uma percepção inicial de redução de área efetivamente cultivada, mas que foi parcialmente revertida no decorrer da safra pela implantação de novas lavouras. Isso também causou impacto na produtividade, já que inicialmente as perdas sobre o total eram maiores do que o verificado atualmente, muito em razão da maior produtividade das lavouras implantadas tardiamente. Portanto, a produtividade média do estado foi ajustada para 5.411 kg/ha ou 8,8% acima do verificado na safra anterior. Quanto à produção, apesar das grandes perdas em algumas regiões, ela ainda está estimada a ser cerca de 10,2% superior ao verificado no ciclo anterior.

QUADRO 5 - MONITORAMENTO AGRÍCOLA

Legenda - Condição hídrica													
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas								
UF	Mesorregiões	Milho primeira safra - Safra 2020/2021											
		AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
PA	Sudeste Paraense				S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
MA	Oeste Maranhense					S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Sul Maranhense					S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
PI	Norte Piauiense					S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	

continua

Legenda – Condição hídrica							
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
			Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
			Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

BA	Extremo Oeste Baiano				S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M	M/C	C
	Vale São-Franciscano da Bahia					S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Centro Norte Baiano					S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Centro Sul Baiano					S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
MT	Sudeste Mato-grossense				S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
GO	Centro Goiano				S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Leste Goiano				S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Sul Goiano				S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
DF	Distrito Federal		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
MG	Noroeste de Minas		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
	Metropolitana de Belo Horizonte		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
	Oeste de Minas		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
	Sul/Sudoeste de Minas		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
	Campo das Vertentes		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
	Zona da Mata		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
	São José do Rio Preto		S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
	Ribeirão Preto		S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
	SP	Bauru		S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
Campinas			S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
Itapetininga			S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
Macro Metropolitana Paulista			S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
Centro Ocidental Paranaense			S/E	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
PR	Norte Central Paranaense		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Norte Pioneiro Paranaense		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Centro Oriental Paranaense		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Oeste Paranaense		S/E	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Sudoeste Paranaense		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Centro-Sul Paranaense		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Sudeste Paranaense		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Metropolitana de Curitiba		S/E	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Oeste Catarinense		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C		
	SC	Norte Catarinense		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C	
Serrana			S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C		
Vale do Itajaí			S/E	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C		
RS	Noroeste Rio-grandense	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C	C	
	Nordeste Rio-grandense		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C	
	Centro Ocidental Rio-grandense	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	EG/M/C	C	C	
	Centro Oriental Rio-grandense		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	C	C	
	Metropolitana de Porto Alegre		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C	
	Sudeste Rio-grandense		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C	

Fonte: Conab.

Nota: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência.

MILHO SEGUNDA SAFRA – 2020/21

Na maioria dos estados produtores de milho segunda safra, as operações de semeadura foram mais afetadas pelo atraso na colheita da soja do que pela má distribuição das chuvas, uma vez que a umidade acumulada no solo manteve as condições de disponibilidade hídrica dentro do mínimo aceitável em quase todas as regiões produtoras. Dessa forma, a área plantada com o cereal está estimada atingir 14.837,7 mil hectares, representando acréscimo de 7,9% em relação ao exercício anterior. A produção esperada é de 82.608,1 mil toneladas, representando incremento de 10,1% em comparação à safra passada.

Na Região Norte/Nordeste, o estímulo proporcionado pelas cotações do cereal impulsionou fortemente o plantio na atual temporada, com a área atingindo 1.693,8 mil toneladas, aumento de 7,8% em relação ao exercício passado. O atraso ocorrido na semeadura acentuou o receio de comprometimento nos níveis de produtividades das lavouras, estando previsto produção de 4.506,7 mil toneladas, redução de 0,6% em relação à temporada passada.

No Maranhão, o plantio do cereal segue com atraso em decorrência da colheita da soja, provocado pelo excesso de chuvas. A segunda safra de milho foi implantada do final de fevereiro até os últimos dias de março. Inúmeros produtores arriscaram o plantio mesmo fora da janela ideal devido às elevadas cotações do produto. Apesar dessas circunstâncias, estima-se que a área plantada de milho atinja 192,1 mil hectares, 5,3% maior que a área da safra anterior. A produtividade média esperada é de 5.100 kg/ha.

No Piauí ocorreu forte aumento na área em relação à safra anterior. Além das condições excepcionais estabelecidas pelas cotações do produto, os produtores contaram com a ajuda do clima, implantando áreas de soja ainda em outubro. Com isso, a colheita foi antecipada, propiciando uma maior janela para o cereal em condições climáticas favoráveis.

O plantio teve início a partir do segundo decêndio de fevereiro e finalizou na segunda quinzena de março. A cultura se encontra 5% em germinação/emergência e 95% em desenvolvimento vegetativo. Nesta safra houve relatos de dificuldade no andamento do plantio devido ao excesso de umidade em algumas áreas. Até o momento, registra-se uma área plantada de 82,1 mil hectares, 155,8% superior a área da safra passada. A expectativa de produtividade é de 4.633 kg/ha.

Em Rondônia, a área cultivada com milho segunda safra está estimada atingir 200 mil hectares, 7,5% maior que a safra passada, tendo sido completamente semeada, com início na segunda quinzena de janeiro e concentrando em fevereiro e março. O nível tecnológico utilizado é alto, tal qual o de soja, uma vez que a maioria dos produtores plantam a soja e na sequência o milho. A caracterização fenológica das lavouras é a seguinte: 6% em emergência, 40% em desenvolvimento vegetativo, 44% em floração e 10% em enchimento de grãos. As lavouras implantadas estão em excelentes condições, uma vez que a quantidade de chuvas precipitadas no fim de janeiro e fevereiro forneceram níveis ideais de umidade ao solo.

Na Região Centro-Sul, estimulados pelo suporte mercadológico e também pela ampliação dos prazos de plantio, determinado pelo zoneamento agrícola em alguns estados, reduzindo os riscos aos produtores, o aumento na área plantada atingiu 13.143,9 mil hectares, incremento de 7,9% sobre o exercício anterior. A expectativa de produção se reflete numa aposta,

estimada atingir 78.101,4 mil toneladas, aumento de 10,8% em relação à safra passada.

Em Mato Grosso, a semeadura se estendeu por março, de forma inédita, tendo o seu desfecho na última semana do mês, com cerca de 40% da área semeada fora da janela ideal de plantio. No ciclo anterior este indicador era inferior a 10%, mais especificamente 8%, e, para este ciclo, foram decisivos o ocorrido no ciclo da soja, em razão dos atrasos iniciais no plantio, bem como o excesso de chuvas em fevereiro e março, que resultaram em morosidade nos trabalhos de colheita da soja. O desenvolvimento vegetativo das lavouras está sendo considerado bom, pois as chuvas das últimas semanas têm proporcionado condições favoráveis ao cereal. Observa-se que, mesmo com o risco atrelado à cultura para o atual ciclo, o produtor avalia que a assunção deste risco compensa devido aos preços e tem feito opção por melhores pacotes tecnológicos.

Calcula-se que a área de milho seja 7,5% superior à registrada na temporada passada, com salto de 5.414,7 mil hectares para 5.818,3 mil hectares. Os negócios estão lentos devido ao foco do produtor rural nos trabalhos de campo, bem como à maior cautela neste momento, em que ainda são incertos os desdobramentos da safra em relação à produtividade média, dada a parcela relevante semeada fora da janela.

Em Mato Grosso do Sul, aproximadamente 94% da área foi semeada até o final de março e apresenta excelente desenvolvimento em decorrência do clima favorável durante o período. Com 75% das lavouras implantadas em desenvolvimento vegetativo, pulverizações para controle de plantas invasoras e soja tiguera estão sendo realizadas. Também já foram iniciadas as adubações de cobertura nas áreas mais velhas, utilizando

principalmente a ureia. Com relação às pragas, a cigarrinha do milho e o complexo de percevejos foram as principais ocorrências relatadas e que tem causado preocupação no manejo dos produtores. Impulsionada pelos elevados preços do cereal, a semeadura deve continuar até 10 de abril, porém já utilizando baixa tecnologia e pouca adubação devido aos altos riscos e falta de seguro agrícola para estas áreas.

Estima-se que, na média, 10% dos cultivos do estado serão implantados fora do Zoneamento de Risco Climático (ZARC), considerando que os prazos máximos definidos na portaria foram estendidos em 10 dias em relação à safra passada. No período de avaliação foi constatado restrição de umidade no solo, fato que ainda não prejudica as lavouras, mas demandando que ocorram chuvas na primeira semana de abril.

Em Goiás, trabalha-se com a expectativa de redução na produtividade em razão das tendências climáticas previstas para os próximos meses. A ausência de chuvas no final de março atrasou a aplicação de adubação em cobertura nitrogenada e tratamentos fitossanitários. Em torno de 45% das áreas foram semeadas fora do zoneamento agroclimático e boa parte das áreas encontram-se em desenvolvimento vegetativo (80%). A área plantada com o cereal mantém próxima ao do levantamento anterior, visto que, o produtor receoso, já está antevendo a falta de chuvas. Com isso, ele reduz estande populacional de plantas e escolhe melhores materiais adaptados a pragas e doenças. As áreas mais adiantadas estão com 40 dias de plantio e os cuidados e o estado de alerta no momento é com a cigarrinha que pode infectar tanto o milho quanto o sorgo, trazendo até três tipos de viroses. Diante desses fatores estima-se nesse primeiro momento que poderá haver redução na produtividade média. Até o final de março em torno de 30% da produção já tinha sido comercializada.

Em Minas Gerais, a safra de milho está em expansão, com estimativa de que a área plantada atinja 606,8 mil hectares, representando um espetacular crescimento de 34,6% em relação ao observado na safra passada. Ocorre que a janela de plantio está muito estreita e este quadro inicialmente previsto pode ser transferido para um plantio maior de sorgo, feijão segunda safra e girassol. Por enquanto, os dados refletem o aumento originalmente pretendido, com o plantio totalizando 75% da área prevista.

Em São Paulo, os produtores aceleram o plantio do milho de segunda safra, ajudados pela disponibilidade de água no solo e as chuvas que ocorreram no final do mês, tornando mais propícia a semeadura. As lavouras apresentam-se em boas condições e se encontram, em sua maioria, em emergência e desenvolvimento vegetativo.

No Paraná, o plantio caminha para a finalização, com expectativa de aumento de área em razão dos bons preços do cereal e da expansão do período de plantio determinada pelo zoneamento agrícola.

A produtividade inicial foi revisada para baixo devido ao atraso no plantio, com conseqüente queda no nível tecnológico empregado e no potencial produtivo. As lavouras estão nos estágios de emergência e desenvolvimento vegetativo. Acima de 90% delas são consideradas em boas condições, pois as chuvas que aconteceram permitiram um bom desenvolvimento inicial, bem como a realização dos tratos culturais. Devido ao atraso na colheita da soja um pequeno percentual deverá ser semeado fora da janela ideal.

QUADRO 6 - MONITORAMENTO AGRÍCOLA

Legenda - Condição hídrica							
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva				

UF	Mesorregiões	Milho primeira safra - Safra 2020/2021									
		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	
RO	Leste Rondoniense - RO	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
TO	Oriental do Tocantins - TO		S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C	
MA	Sul Maranhense - MA		S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C	
PI	Sudoeste Piauiense		S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG	EG/M	C		
CE	Noroeste Cearense		S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
	Norte Cearense		S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
	Sertões Cearenses		S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
	Jaguaribe		S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
RN	Centro-Sul Cearense		S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
	Sul Cearense		S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
	Oeste Potiguar		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
	Agreste Potiguar			S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
PB	Sertão Paraibano		PS	S/E/DV	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Agreste Paraibano			S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
PE	Sertão Pernambucano		PS	S/E/DV	F/EG	EG/M	M/C	C			
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - MS	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG	EG/M	EG/M/C	C	
	Leste de Mato Grosso do Sul - MS	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG	EG/M	M/C	C	
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul - MS	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG	EG/M	EG/M/C	C	
MT	Norte Mato-grossense - MT	PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C		
	Nordeste Mato-grossense - MT	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG	EG/M	M/C	C	
	Sudeste Mato-grossense - MT	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG	EG/M	M/C	C	
GO	Leste Goiano - GO		S	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
	Sul Goiano - GO	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG	EG/M	M/C	C	
MG	Noroeste de Minas - MG		S	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - MG	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG	EG/M	M/C	C	
SP	Assis - SP	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG	EG/M	M/C	C	
	Itapetininga - SP	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG	EG/M	M/C	C	
PR	Noroeste Paranaense - PR	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG	EG/M	M/C	C	
	Centro Ocidental Paranaense - PR	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG	EG/M	M/C	C	
	Norte Central Paranaense - PR	PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C		
	Norte Pioneiro Paranaense - PR	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG	EG/M	M/C	C	
	Oeste Paranaense - PR	PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C		

Fonte: Conab.

Nota: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência.

MILHO TERCEIRA SAFRA – 2019/20 E INTENÇÃO DE PLANTIO PARA A TEMPORADA 2020/21

Os dados relacionados à terceira safra do cereal, cujo plantio terá início a partir de maio, continuarão recebendo os fortes estímulos dos preços praticados, estando previsto para a terceira safra, a continuidade no crescimento da produção. As estimativas de área plantada para o milho no período 2020/21 estão estimadas atingir 536,3 mil hectares, com produção prevista de 1.844,7 mil toneladas, representando acréscimo de 0,1% em relação à safra passada.

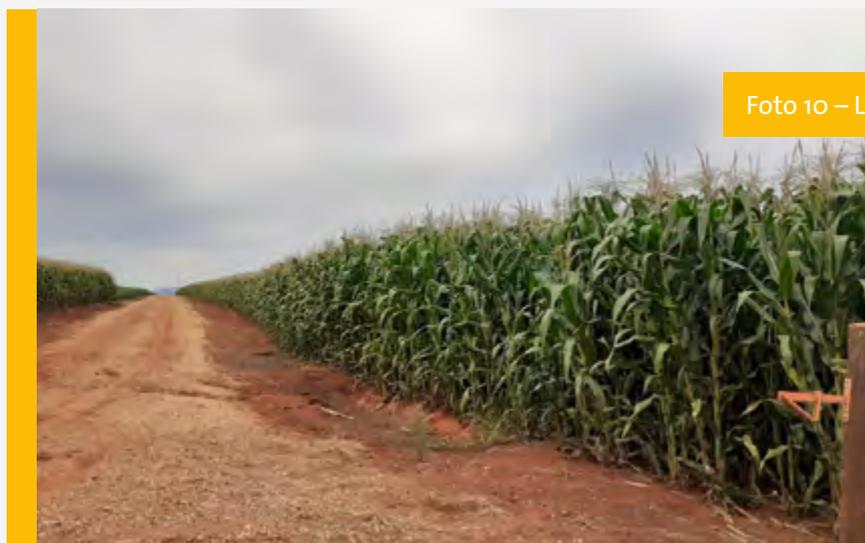


Foto 10 – Lavoura de milho primeira safra - SP

Fonte: Conab.

Foto 11 – Lavoura de milho em fase de maturação em São Desidério - BA



Fonte: Conab.



Foto 12 – Lavoura de milho 2ª safra em São Desidério - BA

Fonte: Conab.



Foto 13 – Milho primeira safra - DF

Fonte: Conab.



Foto 14 – Milho segunda safra - DF

Fonte: Conab.

Foto 15 – Milho segunda safra recém-plantado em Rio Verde - GO



Fonte: Conab.

Foto 16 – Plantio de milho segunda safra em Rio Verde - GO



Fonte: Conab.

Foto 17 – Milho segunda safra em Chapadão do Sul - MS



Fonte: Conab.

Foto 18 – Semeadura de Milheto em Paraíso das Águas - MS



Fonte: Conab.

Para mais informações sobre o progresso da safra de milho, [clique aqui](#).



SOJA

ÁREA

38.473 mil ha
4,1%

PRODUTIVIDADE

3.523 kg/ha
4,3%

PRODUÇÃO

135.540,3 mil t
8,6%

Comparativo com safra anterior.
Fonte: Conab.

Neste sétimo levantamento se confirma o crescimento de 4,1%, em comparação à safra anterior, na área plantada da safra brasileira de soja no período 2020/21, atingindo 38,5 milhões de hectares. A colheita ganhou maior ritmo nas últimas semanas de março, com o tempo seco em alguns estados e, naqueles onde continuou chovendo, foi possível avançar no trabalho durante os períodos de tempo aberto, diminuindo a defasagem do atraso em relação aos anos normais.

Com a umidade elevada dos grãos, já há algumas semanas, em alguns pontos do Mato Grosso e do Norte/Nordeste do país, os problemas de qualidade têm se avolumado. Além disso, a quantidade concentrada de soja saindo do campo com a umidade elevada tem causado filas de caminhões nos pontos de recebimento, com a padronização dos lotes demandando mais tempo que o normal.

Apesar desse quadro, é esperada uma produção recorde de 135,5 milhões de toneladas, representando incremento de 8,6% em relação à safra passada.

OFERTA E DEMANDA

MERCADO INTERNACIONAL

A média dos preços na Bolsa de Valores de Chicago (CBOT), de março de 2021, foi de UScents 1.414,92/bu, ou seja, 62,79% mais alta que a média de março de 2020, cotada a US\$ 869,15/bu. Com relação a fevereiro de 2021, a alta dos preços Chicago foi de 2,29%

A alta do mercado internacional teve como fundamento os baixos estoques de passagem americanos e, mesmo com o Departamento de Agricultura dos estados Unidos (Usda) não trazendo nenhuma novidade no relatório mensal de março, esse ainda é o principal suporte aos preços em Chicago.

O mês trouxe também outras variáveis importantes para a manutenção dos preços elevados na CBOT, como a redução de produção de soja na Argentina, que é um dos maiores players de mercado mundial no fornecimento de farelo e óleo de soja.

Segundo a Bolsa de Cereales da Argentina, a produção de soja na Argentina passa de 49 milhões de toneladas para 44 milhões de toneladas, o motivo dessa baixa foi o clima seco durante fevereiro de 2021. Outra informação que elevou a cotação em Chicago foi a alta dos preços de farelo e óleo de soja no mercado internacional. Os óleos vegetais estão sob suporte de uma forte demanda (principalmente de biodiesel) e problemas na safra da palma na Ásia devido a variações adversas no clima.

Além dos motivos citados para a alta nos preços internacionais, um fator de grande relevância foi o relatório de intenção de plantio para a safra 2021/22 (Propective Planting report) divulgado pelo Usda no dia 31 de março, onde

aquele departamento elevou em aproximadamente 5% a estimativa de área plantada de soja nos Estados Unidos, estimada em 35,45 milhões de hectares. A questão é que, em fevereiro de 2021, esse mesmo departamento estimou, em seu fórum de perspectiva (Agricultural Outlook fórum), que a área plantada de soja para a safra 2021/22 seria de 36,42 milhões de hectares, e esta diferença foi suficiente para que os preços internacionais elevassem vigorosamente, pois, mesmo com um aumento de produção, é possível que o estoque final para a safra 2021/22 americana seja o menor da história.

A tendência é que os preços internacionais continuem firmes em abril ainda influenciado pela perspectiva de plantio do Usda e os baixos estoques americanos.

MERCADO NACIONAL

PREÇOS

Com o atraso da safra brasileira de soja, há uma maior concentração de produto nos portos, dessa forma, os prêmios de portos fecharam mais uma vez negativos em março e a tendência é que fiquem negativos até que os portos estejam com maiores disponibilidades.

Os preços internacionais em alta e o real desvalorizado ainda são os principais motivos para a alta dos preços nacionais que, em março de 2021, foram cotados em média (Brasil, todos os estados) de R\$ 157,39 a saca de 60 quilos, um aumento de 92,36% em relação ao mesmo período de 2020, estimado em R\$ 81,82 a saca de 60 quilos e 2,85% maior que fevereiro de 2020, no valor médio de R\$ 153,03 a saca de 60 quilos.

Para abril de 2021 é esperado que os preços nacionais continuem em alta, influenciados ainda pela paridade de exportação, onde principalmente os preços internacionais em alta darão sustentação aos preços internos, não tendo maiores ganhos devido aos prêmios de portos negativos.

OFERTA E DEMANDA

A Conab estima que a produção de soja para a safra 2020/21 seja de 135,54 milhões de toneladas, um aumento de 8,6% em relação à safra anterior, que foi de 124,85 milhões de hectares, esse aumento de produção é motivado pela alta dos preços internacionais, a forte demanda exportadora e aumento da demanda interna.

A demanda interna total (esmagamentos, sementes e perdas) está estimada em 50,44 milhões de toneladas, que deve permanecer aquecida em virtude do crescimento da economia, do aumento da produção de carnes para exportação e da mistura do biodiesel, que passou de B12 para B13.

Espera-se que as exportações atinjam um número próximo de 85,6 milhões de toneladas, motivadas pela forte demanda chinesa e pelo alto percentual comercializado para a safra 2020/21.

Os estoques de passagem de soja em grãos da safra 2020/21 devem ser um pouco mais elevados que os estoques da safra 2019/20 e não haverá falta de produto para abastecer o mercado interno.

ANÁLISE REGIONAL

REGIÃO NORTE-NORDESTE

O plantio regional atingiu 5.827,5 mil hectares, 6,6% de incremento em relação à área plantada na safra passada. Em razão do comportamento do clima, quando comparado com o exercício passado, ao não comprometer os níveis de produtividade como era esperado inicialmente, calcula-se que a produção atinja 20.096,5 mil toneladas, representando incremento de 7,3% em relação ao exercício anterior.

Em Rondônia, o plantio da primeira safra teve início em setembro, estendendo-se até dezembro. A semeadura da segunda safra iniciou em janeiro, simultaneamente a colheita dos primeiros talhões da soja inicialmente plantada, e a conclusão dessas operações se deu na primeira quinzena de março. Em fevereiro ocorreu a concentração da semeadura, com mais de 50% da segunda safra sendo estabelecida neste mês. Houve relatos de replantio por conta do estresse hídrico, estimando-se que a área replantada em todo o estado tenha atingido 15.420 hectares. As lavouras de primeira safra apresentam os seguintes estágios fenológicos: 2% em maturação e 98% já colhido. Com relação à segunda safra, a caracterização fenológica é a seguinte: 30% em desenvolvimento vegetativo, 55% em floração e 15% em enchimento de grãos.

Em Tocantins, a ausência e a escassez de chuvas, na maior parte das regiões produtoras, fizeram com que muitas áreas tenham sido semeadas de forma escalonada, onde o avanço acontecia à medida que o clima se apresentava favorável. A colheita, como consequência sofreu com o descompasso da evolução nas lavouras. À medida que avança, constata-se que a qualidade do

produto colhido vem melhorando significativamente, passando a atender os padrões de qualidade firmado com os adquirentes. No início do processo de colheita dos primeiros talhões houve registros de áreas afetadas com queda na qualidade do produto colhido (grãos ardidos) devido, principalmente, ao excesso de chuvas durante fevereiro e que perdurou, na época, por duas semanas de forma ininterrupta. Foram registradas produtividades médias oscilando entre 3.300 e 3.840 kg/ha, nas diferentes regiões do estado.

No Maranhão, onde a implantação da soja foi realizada a partir de outubro, a colheita apresentou considerável avanço na última semana de março, quando as chuvas facilitaram a entrada das máquinas em campo. A colheita em fevereiro foi prejudicada pelo excesso de chuvas, resultando em atraso na operação. Apesar disso, a produtividade obtida está variando entre 3.180 e 3.480 kg/ha. Na microrregião de Chapadinha, no leste maranhense, as lavouras implantadas entre dezembro e meados de fevereiro tiveram bom estabelecimento, e se encontram nos estágios de florescimento e enchimento de grãos. A produtividade média esperada está em torno de 3.000 a 3.120 kg/ha. Na região leste maranhense, no Alto Parnaíba, houve dificuldade na implantação da cultura devido à estiagem entre janeiro e início de fevereiro. A soja se encontra no estágio de florescimento e enchimento de grãos, com previsão de colheita para maio e junho. As lavouras localizadas na região oeste e centro-sul, normalmente cultivadas mais tardiamente em relação às demais, encontram-se no estágio de maturação fisiológica. Para a safra 2020/21, a área total plantada de soja alcançou 1.000,8 mil hectares, 2,5% acima do verificado na safra passada, com produtividade média esperada de 3.200 kg/ha.

REGIÃO CENTRO-OESTE

A região foi bastante afetada pela instabilidade do clima, que trouxe vários problemas para a lavoura, particularmente no momento da colheita. Apesar dos percalços, ocorreu incremento de 3,5% na área plantada, totalizando 17,2 milhões de hectares, e a expectativa de produção é que atinja 61.383,5 mil toneladas, representando aumento de 1,1% em relação ao exercício passado.

Em Mato Grosso, a colheita de soja foi praticamente encerrada em março. Projeta-se que cerca de 41% da safra tenha sido colhida em março, enquanto que o percentual observado na temporada passada para o mês foi de 13%. Essa concentração ocorreu devido a fatores climáticos, tanto no início da temporada em que o atraso nas precipitações postergou o ciclo da soja, quanto já em sua fase final, quando a forte incidência de chuvas, principalmente em fevereiro e início de março, culminou na morosidade e retardamento da colheita. Estima-se rendimento médio de 3.473 kg/ha, resultado 3,2% inferior ao da última safra. Mesmo com os elevados investimentos atrelados à cultura e os excelentes pacotes tecnológicos empregados, o potencial produtivo foi limitado, por fatores decorrentes do clima, tanto no início do ciclo, quando a falta de chuvas comprometeu a plenitude produtiva da soja, quanto em sua fase final, quando a situação oposta de excesso de umidade devido às chuvas provocou incidência de avarias e desvalorização do grão. Por conta desse problema, empresas compradoras têm efetivado descontos sobre o produto acima dos parâmetros. No entanto, destaca-se o resultado positivo para a safra estadual devido aos elevados investimentos e melhores pacotes tecnológicos, em resposta aos incentivos mercadológicos.

Em Mato Grosso do Sul, a colheita entrou na reta final, uma vez que

esta operação se estenderá até meados de abril, visto que há lavouras que iniciaram a maturação recentemente, necessitando ainda gerar perda de umidade nos grãos. Houve relatos em municípios com menor disponibilidade de estruturas de armazenagem e das dificuldades no recebimento da soja, visto que a expedição para os compradores está lenta por falta de caminhões. Dessa forma, as empresas armazenadoras desses locais estão estocando grãos em silos-bolsas, porém o processo é mais lento, diminuindo a velocidade de beneficiamento e conseqüentemente o recebimento da soja. Há um ligeiro aumento na produtividade média, e a expectativa é de manutenção do atual índice, uma vez que as lavouras mais tardias concluíram o enchimento dos grãos diante de boas condições climáticas.

Em Goiás, os principais municípios se encontram com mais de dez dias ininterruptos de chuvas, coincidindo com a colheita. Assim, fica prejudicada a velocidade da colheita, a qualidade e os níveis de umidade do grão. Além disso, os dias nublados estenderam o ciclo da cultura e prejudicaram os resultados da dessecação. Adicione-se o ataque de pragas e doenças, relatados em diferentes partes do estado. De forma resumida, elenca-se alguns problemas desta safra, na temporada goiana:

A – Umidade dos grãos: as chuvas no momento da dessecação, maturação e colheita prejudicaram a qualidade do grão, aumentando os descontos e reduzindo as margens de receita do produtor;

B – Transtornos na recepção: de uma forma geral, a estrutura de secagem no estado carece de melhorias principalmente na questão dos secadores. Produto com umidade acima de 18% pode reduzir a eficiência na recepção em até 50%;

C – Rodovias: de forma pontual, rodovias pavimentadas e mesmo as vicinais carecem de investimentos e manutenção;

D – Contratos: mesmo sendo de forma pontual, houve relatos de não cumprimento de contratos por parte de produtores. Porém, existem as penalidades previstas com reflexos negativos mais adiante.

REGIÃO SUDESTE

Na Região Sudeste ocorreu incremento expressivo de 11% na área plantada, atingindo 3.061,3 mil hectares. As produtividades das lavouras não foram duramente afetadas ao longo do desenvolvimento e, por isso, a produção registra forte impulso, aumentando em 11,7% o volume alcançado no ano passado, atingindo 11.321,1 mil toneladas.

Em São Paulo, as poucas chuvas das últimas semanas favoreceram o avanço da maturação e colheita das lavouras. Nas regiões sul e sudoeste do estado, a soja apresentou desempenho bastante satisfatório. Em algumas localidades a produtividade pode atingir a média de 4.200 kg/ha. Em relação ao estágio de desenvolvimento, notou-se inicialmente certo atraso da lavoura em relação ao padrão histórico. Mais recentemente, com a pausa das chuvas, os produtores passaram a aplicar produtos químicos para acelerar a maturação, e o ritmo de colheita se acelerou com o atraso anteriormente citado sendo amenizado. Um aspecto peculiar nesta temporada 2020/21 foi o fato de os pequenos produtores terem aderido ao plantio da soja em razão dos benefícios financeiros (boa margem), menor risco climático (em relação ao milho e feijão) e facilidade de negociação (boa liquidez). Na região do Vale do Paranapanema, próxima da divisa com o Paraná, a área plantada aumentou nas últimas safras, com a presença de

lavouras irrigadas, já colhidas.

REGIÃO SUL

Incremento observado na área plantada de 2,3% em relação ao exercício anterior, atingindo 12.368,4 mil hectares. Exceção feita ao ocorrido no Paraná, onde o clima afetou a produtividade das lavouras, o desempenho nos demais estados foi espetacular, especialmente no Rio Grande do Sul. A região apresentará forte produção, sendo esperada atingir 42,7 milhões de toneladas, representando incremento de 21,1% sobre o exercício passado.

No Paraná, devido ao atraso no plantio (estiagem), a colheita também se encontra atrasada, operação que deverá ter sua conclusão em abril. As primeiras colheitas, no início de fevereiro, apresentaram grande percentual de grãos ardidos, comprometendo a qualidade da produção. Com o desenvolvimento da colheita, a qualidade dos grãos melhorou. A produtividade, entretanto, mantém-se em declínio em razão de distúrbios fisiológicos nas plantas, provocadas por estiagem na germinação, comprometendo o estande, seguida de muita chuva e muita nebulosidade, resultando em abortamento de vagens, redução do tamanho dos grãos e grãos verdes e, por último, falta de chuvas para as lavouras mais tardias.

Em Santa Catarina, apesar da baixa disponibilidade hídrica, observada em março, principalmente na região oeste do estado, espera-se obter produtividade média de 3.561 kg/ha, 7,6% superior à da safra anterior. Em virtude da quebra de produtividade e dos problemas envolvendo a lavoura de milho, comparados aos atuais bons preços da soja, espera-se, para a próxima safra, uma expansão na área cultivada com a oleaginosa no estado.

No Rio Grande do Sul, março foi marcado pelo início da colheita no estado e também por um período de deficiência hídrica, seguido do retorno das chuvas. Esse período de deficiência, que se estendeu de meados de fevereiro e durou até cerca de 30 dias, dependendo da localidade, penalizou àquelas lavouras que estavam em estágio crítico de definição de rendimento, principalmente em início de enchimento de grãos ou floração. Tudo começou com a seca que ocorreu na primavera e que atrasou o início da semeadura, principalmente na Depressão Central, Missões, Fronteira Oeste e Alto Uruguai. Essas lavouras mais atrasadas foram as que estavam em estágios críticos na estiagem de fevereiro/março e devem ter redução da produtividade. Com apenas 11% da área colhida – o restante está com 56% em maturação, enchimento de grãos 32% e floração 1% - a produtividade média ainda não está definida, mas deve se aproximar das melhores safras já verificadas no estado. Com exceção das regiões já citadas, em que o atraso na semeadura impactou o potencial final, as demais regiões estão com expectativas muito elevadas. De maneira geral, no Planalto Médio, as estimativas vão de 3.300 a 4.000 kg/ha, no Planalto Superior acima de 4.000 kg/ha, Alto Uruguai e Central de 3.000 a 3.300 kg/ha, Missões, Campanha e Sul um pouco abaixo de 3.000 kg/ha, e a Fronteira Oeste, que, até o momento, apresenta as maiores perdas, ficando próximo de 2.000 kg/ha. A sequência de dias secos que se espera em abril deve fazer com que a colheita evolua significativamente, chegando a quase totalidade no final do mês. A produtividade média, neste levantamento, foi mantida, dado já ser um valor relativamente alto, mas pode ser reajustada nos próximos levantamentos, ao se confirmar as expectativas geradas pelos produtores e técnicos.

QUADRO 7 - MONITORAMENTO AGRÍCOLA

Legenda - Condição hídrica			
 Favorável	 Baixa Restrição - Falta de Chuva	 Baixa Restrição - Excesso de Chuva	 Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	 Média Restrição - Falta de Chuva	 Média Restrição - Excesso de Chuva	 Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	 Alta Restrição - Falta de Chuva	 Alta Restrição - Excesso de Chuva	 Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Soja - Safra 2020/2021												
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	
RR	Norte de Roraima	M/C	C							PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M
RO	Leste Rondoniense	PS	S/E	E/DV	DV/F	F/EG	M/C	C						
PA	Sudeste Paraense			PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C	C			
TO	Ocidental do Tocantins		PS	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C				
	Oriental do Tocantins		PS	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C				
MA	Sul Maranhense		PS	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C				
PI	Sudoeste Piauiense		PS	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C				
BA	Extremo Oeste Baiano		PS	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C				
MT	Norte Mato-grossense	S/E	E/DV	DV	F/EG	EG/M/C	M/C	C						
	Nordeste Mato-grossense	PS	S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C					
	Sudeste Mato-grossense	PS	S/E	DV	F	EG/M/C	M/C	C						
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul	PS	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C					
	Leste de Mato Grosso do Sul	PS	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C					
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	PS	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C					
GO	Leste Goiano		S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C					
	Sul Goiano		S/E	DV	F/EG	EG/M/C	M/C	C						
DF	Distrito Federal			S/E	DV/F	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C					
MG	Noroeste de Minas		S	S/E	DV/F	EG/M	EG/M/C	M/C	C					
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba		S/E	E/DV	DV/F	EG/M	EG/M/C	M/C	C					
SP	Itapetininga		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C					
PR	Centro Ocidental Paranaense	S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C						
	Norte Central Paranaense	PS	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C					
	Norte Pioneiro Paranaense	PS	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C					
	Centro Oriental Paranaense		S	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
	Oeste Paranaense	S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C						
	Sudoeste Paranaense	S/E	E/DV	DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C					
	Centro-Sul Paranaense		S	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
	Sudeste Paranaense		S	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
SC	Oeste Catarinense	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C					
	Norte Catarinense	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C					
	Serrana	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C					
RS	Noroeste Rio-grandense		S	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
	Nordeste Rio-grandense		S	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
	Centro Ocidental Rio-grandense		S	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
	Sudoeste Rio-grandense		S	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C				

Fonte: Conab.

Nota: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.



Foto 19 – Amostra para avaliação objetiva da produtividade e Riachão das Neves - BA

Fonte: Conab.

Foto 20 – Lavoura de soja em ponto de colheita em Correntina - BA



Fonte: Conab.

Foto 21 – Soja em enchimento de grãos em Grajaú - MA



Fonte: Conab.



Foto 22 – Soja em Grajaú - MA

Fonte: Conab.

Foto 23 – Soja em maturação em Grajaú - MA



Fonte: Conab.



Foto 24 – Colheita da Soja em Costa Rica - MS

Fonte: Conab.



Foto 25 – Estimativa objetiva de produtividade - RS

Fonte: Conab.

Foto 26 – Estimativa objetiva de produtividade - RS



Fonte: Conab.



Foto 27 – Estimativa objetiva de produtividade - RS

Fonte: Conab.

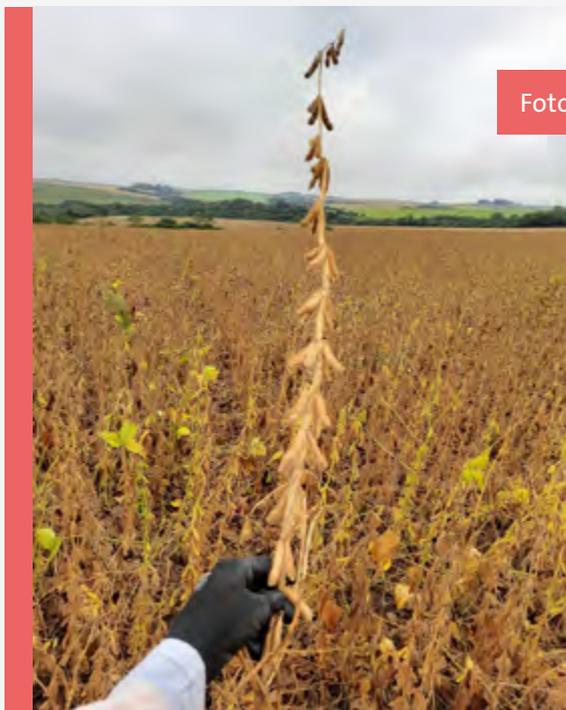


Foto 28 – Soja em maturação em Jacuizinho - RS

Fonte: Conab.

Foto 29 – Soja em paranapanema - SP



Fonte: Conab.

Para mais informações sobre o progresso da safra de soja, [clique aqui](#).



TRIGO

ÁREA

2.379,4 mil ha

1,6%

PRODUTIVIDADE

2.678 kg/ha

0,6%

PRODUÇÃO

6.371 mil t

2,2%

Comparativo com safra anterior

Fonte: Conab

SUPRIMENTO

ESTOQUE INICIAL 563 mil t

PRODUÇÃO 6.371 mil t

IMPORTAÇÕES 6.400 mil t

13.334 mil t

DEMANDA

CONSUMO INTERNO 11.803,8 mil t

EXPORTAÇÕES 600 mil t

12.403,8 mil t

As primeiras lavouras de trigo já estão sendo implantadas em algumas regiões do país, com destaque, nesse momento, para o cultivo de trigo no Centro-Oeste, especialmente em manejo de sequeiro, no Distrito Federal e em Goiás. As condições climáticas estão favoráveis à formação das lavouras, apresentando adequado acúmulo de umidade no solo para germinação e emergência das sementes.

De maneira geral, a estimativa para essa safra é de aumento na área plantada em comparação a 2020 (incremento previsto de 1,6%, podendo chegar a mais de 2,3 milhões de hectares semeados nesse ciclo) devendo favorecer o resultado final obtido. O cultivo deve se estabelecer por quase todas as regiões brasileiras, com destaque para a produção no Sul (principalmente Paraná e Rio Grande do Sul), Sudeste (São Paulo e Minas Gerais) e Centro-Oeste (especialmente Mato Grosso do Sul e Goiás).

OFERTA E DEMANDA

A Conab iniciou a divulgação dos números referentes à safra 2021/22 que será iniciada em agosto/21, a estimativa é que sejam cultivados 2,3 milhões de hectares de trigo no Brasil, apresentando um incremento de 1,6%, com uma recuperação de produtividade de 0,6%, o que poderá resultar em uma safra de 6,3 milhões de toneladas do grão.

Em março de 2021, o mercado doméstico apresentou valorização em suas cotações mensais em meio a um cenário de menor oferta interna de trigo, aumento nos custos dos fretes e alta cambial, apesar da pouca movimentação observada no período. Com poucos negócios firmados e moinhos relativamente abastecidos devido à retração da moagem no período diante da redução na demanda por derivados de trigo no país. A média do Paraná foi cotada a R\$ 79,29 a saca de 60 quilos, apresentando valorização mensal de 4,30%. Já no Rio Grande do Sul, a média mensal foi de R\$ 78,21 a saca de 60 quilos, apresentando valorização de 2%.

Já no mercado internacional, as cotações reverteram a tendência altista que vinha sendo observada e apresentaram desvalorizações devido à alta do dólar em relação a outras moedas, ao clima favorável nos Estados Unidos e na região do Mar Negro e diante da expectativa de aumento da oferta global após anúncio da Rússia de término da intervenção que limitava as exportações do país, maior exportador mundial. A média de março de 2021, da cotação FOB Golfo, foi de US\$ 285,85 a tonelada, apresentando desvalorização mensal de 1,21%.

TABELA 9 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - TRIGO - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2015	2.414,1	5.971,1	5.328,9	13.714,1	10.652,2	1.680,5	1.381,4
2015	1.381,4	5.534,9	5.517,6	12.433,9	10.312,7	1.050,5	1.070,7
2016	1.070,7	6.726,8	7.088,5	14.886,0	11.470,5	576,8	2.838,7
2017	2.838,7	4.262,1	6.387,0	13.487,8	11.244,7	206,2	2.036,9
2018	2.036,9	5.427,6	6.753,1	14.217,6	12.435,8	582,9	1.198,9
2019	1.198,9	5.154,7	6.676,7	13.030,3	12.460,6	342,3	227,4
2020*	227,4	6.234,6	6.600,0	13.062,0	11.599,0	900,0	563,0
2021**	563,0	6.371,0	6.400,0	13.334,0	11.803,8	600,0	930,2

Fonte: Conab.

Nota: (*) Estimativa

(**) Previsão

Estoque de Passagem - Milho: 31 de Julho.



OUTRAS CULTURAS DE VERÃO

AMENDOIM

Para a safra total do amendoim, nesta safra 2020/21, estima-se crescimento de 3,1% na área em relação ao ciclo anterior e uma produção de 595,8 mil toneladas.

Em São Paulo, como essa cultura entra como opção de rotação com a cana-de-açúcar, é importante que as cultivares de amendoim sejam de ciclo compatível com a duração do período de rotação do canavial. Aproximadamente 80% das lavouras de amendoim desse estado são plantadas nos intervalos de renovação da cana-de-açúcar.

Os restos culturais do amendoim são ricos em nitrogênio e, dessa forma, esse nutriente fortalece o solo após colhido por meio da palhada, beneficiando a cultura da cana-de-açúcar. Também é bastante resistente às pragas, como os nematoides, ajudando a diminuir significativamente a infestação nas áreas onde é plantado.

O constante melhoramento genético de variedades rasteiras, que proporcionam maior produtividade das lavouras, tem sido um dos motivos fundamentais para o salto na produtividade/produção do amendoim produzido em São Paulo.

O amendoim teve na presente safra um atraso no plantio em razão das poucas chuvas que ocorreram entre agosto e início de novembro de 2020.

Seu efetivo plantio se deu a partir da segunda quinzena de novembro e se estendeu até metade de dezembro de 2020.

A colheita, até o momento, atingiu em torno de 30% da área plantada, e a expectativa de produtividade é próximo a 150 sacas, ou seja, 3.668 kg/ha.

A área do amendoim no estado tem previsão de crescimento de 4,2% em relação à safra passada, 4,2% na primeira safra e 7,9% maior na produção em comparação ao da anterior.

No Paraná, projeta-se uma área maior em relação à da safra anterior devido ao aumento de plantio por um grande produtor, motivado pela maior demanda. A colheita foi iniciada e, com isso, houve um pequeno ajuste na produtividade, mas ainda dentro da média histórica, apesar do déficit hídrico durante o desenvolvimento da cultura. As lavouras estão majoritariamente em estágio de enchimento de grãos e em boas condições vegetativas.

A produção do amendoim é, em geral, destinada para subsistência, uma que o excedente é comercializado com empacotadores ou com pequenas fábricas regionais de doces. A previsão é de aumento na produção de 8,9% em relação à safra anterior.

QUADRO 9 - MONITORAMENTO AGRÍCOLA

Legenda - Condição hídrica			
Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Trigo - Safra 2020						
		OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR
SP	Araçatuba	S/E	E/DV	DV	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C
	Araraquara	S/E	E/DV	DV	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C
	Assis	S/E	E/DV	DV	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C
	Bauru	S/E	E/DV	DV	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C
	Marília	S/E	E/DV	DV	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C
	Presidente Prudente	S/E	E/DV	DV	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C
	Ribeirão Preto	S/E	E/DV	DV	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C
	São José do Rio Preto	S/E	E/DV	DV	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C

Fonte: Conab.

Nota: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.



Foto 30 – Colheita do amendoim na Região de Presidente Prudente - SP

Fonte: Conab.

Foto 31 – Colheita do amendoim na Região de Presidente Prudente - SP



Fonte: Conab.

Foto 32 – Colheita do amendoim na Região de Presidente Prudente - SP



Fonte: Conab.

Foto 33 – Colheita do amendoim na Região de Presidente Prudente - SP



Fonte: Conab.

GERGELIM

Para esta safra, a estimativa de área total de gergelim é de 155 mil hectares e produção de 84,8 mil toneladas, uma redução de 11,5% em relação à safra anterior.

Em Mato Grosso, as áreas estão sendo computadas, cujas operações de plantio se estenderão abril. O cenário atual é de ruptura, com a tendência de incremento de área observada ao longo dos últimos anos. Calcula-se inicialmente uma área de 152 mil hectares, redução de 11,6% em relação à safra anterior. A continuidade da expansão da área decorre da concorrência com o milho segunda safra, cuja rentabilidade e liquidez atraem o produtor.

O gergelim é uma cultura rústica e resistente ao clima seco, atributo favorável em temporada de menor janela para as culturas de segunda safra, portanto, isso deve limitar maiores quedas e incentivar a manutenção de área.

Após uma safra de rendimento aquém do esperado, de apenas 548 kg/ha, em decorrência do manejo ainda incipiente para a cultura, de problemas com sementes, entre outras adversidades, a tendência que se observa é de maiores investimentos para a cultura em 2020/21, com maior atenção ao manejo e às sementes, o que pode contribuir para uma melhor safra em termos de produtividade.

GIRASSOL

A estimativa para a safra 2019/20 é de retração na área plantada. A previsão é que sejam cultivados 30,9 mil hectares, que, comparados com os cultivados na safra anterior, equivalem à retração de 34,4% na área. A Região Centro-Oeste é a principal produtora de girassol. Além da extração do óleo, é comum sua utilização na alimentação animal e humana.

Em Mato Grosso, o plantio de girassol foi iniciado e finalizado em março, e a área alocada à cultura se restringe a 8,5 mil hectares, após queda de 66,3% em relação aos 25,2 mil hectares plantados na temporada passada.

Há alguns anos já se observa este fenômeno de retração de área de girassol em Mato Grosso, e a tendência se acentua neste ciclo devido à pressão de mercado que a cultura do milho vem exercendo, tendo em vista que a liquidez do grão e sua rentabilidade vêm aumentando safra após safra, o que faz com que o produtor faça a opção pelo milho, em detrimento do girassol.

Neste momento, as chuvas intensas durante o início do ciclo vegetativo limitam o bom desenvolvimento da cultura, porém ainda é cedo para se determinar se este fato afetará o rendimento médio das lavouras.

A produção se encontra antecipadamente negociada, por se tratar de cultura estritamente dependente de indústria próxima para o processamento, e os preços são de R\$ 125 por saca de 60 quilos para o alto oleico e de R\$ 120 por saca de 60 quilos para o convencional.

Em Goiás, o plantio do girassol se encontra concluído. Em torno de 5% a 10% foram plantados fora da janela ideal, podendo sofrer restrição hídrica

doravante. A área estimada segue em 20 mil hectares no estado, com produtividade média de 1.689 kg/ha. Grande parte dos plantios referem-se a contratos com indústria produtora de óleo, situada no sul goiano. As cultivares utilizadas são bastante eficientes na emissão de raízes quando em condições adversas de clima. A colheita está prevista para o final de junho e início de julho.

Em Minas Gerais, a maior compradora junto aos produtores estaduais já relatou que tem interesse de trabalhar no mercado mineiro novamente. Há sinais de maior compra e uma tendência do retorno do plantio em algumas cidades.

MAMONA

A estimativa para a safra 2020/21 é de incremento na área plantada. A previsão é que sejam cultivados 47,4 mil hectares, que, comparados com os cultivados na safra anterior, equivalem a um aumento de 4,2% na área. O Nordeste é a principal região produtora, com destaque para a Bahia. Estima-se incremento de área para o Nordeste.

Na Bahia, devido à característica perene da cultura e de resistência a seca, os últimos meses de boas chuvas deve elevar a produtividade das lavouras de segundo ciclo e garantir um bom desenvolvimento para as lavouras de primeiro ciclo. Em março, a colheita foi um pouco menor em comparação a fevereiro e deve permanecer assim em abril, com expectativa de crescimento em maio. Essa variação é explicada pelo ciclo de emissão de novos botões florais nas lavouras de segundo ciclo.

Em Mato Grosso, a área destinada à mamona de segunda safra é bastante restrita, limitando-se a apenas 2 mil hectares na atual safra, próximo ao registrado na temporada passada, de 2,1 mil hectares. O plantio das lavouras ocorreu em março.

Ainda que a cultura apresente grande potencial agrônômico como opção de segunda safra em Mato Grosso, sua expansão para maiores áreas ainda não ocorreu neste ciclo, tanto pela concorrência com demais culturas de segunda safra, como o milho, quanto pelas dificuldades em seu manejo e em sua tecnologia, ainda incipientes para o estado.

SORGO

Para a safra total 2020/21, a previsão é de 2,7 milhões de toneladas produzidas, 9,3% maior que a safra anterior, em uma área de 875,4 mil hectares, incremento de 4,8% em relação à safra anterior.

No Pará, o sorgo ainda está na fase de intenção de plantio, haja vista que as lavouras são cultivadas principalmente nos intervalos das culturas de soja e milho, nas regiões sul e sudeste do estado. Espera-se uma área plantada e produção similares à da safra anterior.

Em Tocantins, a estimativa é de um aumento na área semeada de aproximadamente 15,5%. Os produtores têm o sorgo como alternativa por ser uma cultura de ciclo mais curto e ter uma maior tolerância a deficit hídrico, principalmente nas áreas que seriam destinadas ao cultivo do milho safrinha. Do ponto de vista fitotécnico, o produtor opta pelo seu cultivo por fazer rotação de cultura e formação de palhada, já do ponto de

vista econômico, a produção é comercializada para a indústria de ração animal.

No Maranhão, a cultura é cultivada na região sul do estado, imediatamente após a colheita da soja e o plantio de milho safrinha. O sorgo teve a semeadura realizada entre o final de fevereiro e março deste ano. Devido ao menor interesse de cultivo, a área total semeada apresentou uma redução de 7,5%, com 9,8 mil hectares, com produtividade média estimada de 2.459 kg/ha.

No Piauí, a lavoura de sorgo no estado é plantada como cultura de segunda safra, em sucessão à soja. O plantio nesse estado ocorre no final de março. Espera-se uma área plantada na safra 2020/21 de 28,5 mil hectares, em linha com a área da safra anterior.

No Rio Grande do Norte, a cultura do sorgo, com dupla aptidão, vem se tornando uma das principais alternativas de alimentos volumosos para os rebanhos, sobretudo os bovinos, já que a maior parte da produção da planta vai para ração animal (forragem). Como o levantamento considera somente o sorgo granífero, estima-se na presente safra uma área de 400 hectares, contra 600 hectares da safra passada, ou seja, uma redução de 28%, com redução também na produtividade.

Na Paraíba, por fatores econômicos, o produtor paraibano tradicionalmente explora o sorgo forrageiro, destinado à formação de silagem para consumo dos seus rebanhos. Em relação ao sorgo granífero, espera-se o plantio de 200 hectares.

Na Bahia, o plantio ocupa cerca de 90% da área esperada, estando finalizado no centro-norte e centro-sul, e está em fase de plantio no

extremo-oeste, seguindo a evolução da colheita da soja. No extremo-oeste, o plantio foi iniciado em sucessão à colheita da soja, e avança em 80% da área esperada. Estima-se a manutenção da área cultivada na safra passada. Em toda a região centro-norte, o cultivo do sorgo é realizado como alternativa ao enfrentamento da seca, sendo destinado à alimentação dos rebanhos. As chuvas que ocorreram nas últimas semanas favorecem a fase de enchimento de grãos. No centro-sul, mesmo sendo mais resistente à seca, o sorgo também foi afetado pela estiagem. A falta de chuvas, na fase de desenvolvimento e enchimento de grãos, prejudicou bastante a safra atual. Apesar disso, ainda há expectativa de produção de parte das lavouras.

Em Mato Grosso, estima-se que 30,9% do sorgo esteja plantado e seus trabalhos deverão se estender até abril. Estima-se um aumento da área plantada para este ciclo, com incremento de 5,7%, de 46,6 mil hectares na safra anterior para 49,3 mil hectares de área para a atual.

Os fatores que favorecem o sorgo na atual temporada são a sua maior resistência a um clima mais seco, bem como o seu caráter de bom substituto ao milho, cujo valor de mercado é bastante elevado na atual conjuntura, fato que faz com que a cotação do sorgo também tenha valorização, com demanda para utilização na alimentação animal.

Em Mato Grosso do Sul, como o preço do grão e o custo de produção do sorgo segunda safra normalmente equivalem a 80% dos valores para o milho, haverá um aumento expressivo de área cultivada em relação ao ano anterior, visto que é uma cultura que apresenta maior rusticidade, principalmente quando se trata de cultivos mais tardios.

Até o momento, 39% das áreas previstas no estado foram semeadas e a

operação deve se estender até 15 de abril. As lavouras que já emergiram apresentam excelente desenvolvimento inicial e algumas demandaram aplicações para controle de percevejos. As áreas mais velhas também já recebem o controle de plantas daninhas e de soja voluntária.

Em Goiás, as áreas inicialmente destinadas à cultura do sorgo, principalmente no oeste goiano, podem ser destinadas ao cultivo de pastagens ou milho. Os custos maiores da cultura do sorgo estão em dois componentes: sementes e colheita. As lavouras apresentam, de modo geral, boas condições sanitárias no desenvolvimento vegetativo (70% das áreas). Os preços foram bons nas últimas safras, em torno de R\$ 63 a saca de 60 quilos e, no momento, o plantio segue lento. Aproximadamente 90% das áreas foram semeadas até o final de março.

No Distrito Federal, O plantio está em andamento e estima-se que 50% da área já foi semeada e está em fase de germinação. A área deverá se situar na casa dos 9.800 hectares.

Em Minas Gerais, as áreas de sorgo confirmam o aumento desde a última estimativa. Há perspectiva de incremento de área plantada em relação à safra anterior, com área total estimada em 210,9 mil hectares.

QUADRO 10 - MONITORAMENTO AGRÍCOLA

Legenda - Condição hídrica							
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
			Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
			Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Sorgo - Safra 2020/21									
		DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	
TO	Oriental do Tocantins			PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
PI	Sudoeste Piauiense			PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
BA	Extremo Oeste Baiano			PS	S/E/DV	DV/F	F	F/EG	EG/M	M/C	
	Vale São-Franciscano da Bahia	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
MS	Leste de Mato Grosso do Sul			PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Nordeste Mato-grossense			PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
MT	Sudeste Mato-grossense			PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Norte Mato-grossense			PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
GO	Centro Goiano			PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Leste Goiano			PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Sul Goiano			PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
DF	Distrito Federal			PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
MG	Noroeste de Minas			PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba			PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
SP	Ribeirão Preto			PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	

Fonte: Conab.

Nota: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.



MINISTÉRIO DA
AGRICULTURA, PECUÁRIA
E ABASTECIMENTO



PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL